

Um Dedo de Prosa

Joésio Menezes

Um Dedo de Prosa

Brasília, 2007

Copyright © by Joésio Menezes – 2007

Digitação e Revisão de Texto
Joésio Menezes

Capa
Arte-final: Luciano
Gravura: Almeida Jr.

Impressão
Maxxigráfica Editora Ltda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M543u Menezes, Joésio.

Um dedo de prosa / Joésio Menezes.

– Brasília : Maxxigráfica Editora Ltda, 2007.

96 p.

1. Contos. 2. Crônicas. I. Título

CDD B869.35

De acordo com o art. 184, da Lei 9.610/98, do Código Penal Brasileiro, a violação dos direitos autorais é crime. Assim sendo, fica proibida a reprodução deste, total ou parcial, sem autorização prévia do autor.

“Este livro é como um livro qualquer. Mas eu ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada (...)”.

(Clarice Lispector)

NOTA SOBRE O AUTOR

Joésio de Oliveira **Menezes** nasceu a 16 de maio de 1961, em Tobias Barreto, interior do estado de Sergipe. Filho do alfaiate Raimundo Antonio de Menezes e da dona de casa Maria Francisca de Oliveira Menezes, mudou-se para Planaltina - DF em dezembro de 1970.

Pós-Graduado em Língua Portuguesa (Lato Sensu) pela Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO, Joésio é professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEE/DF e Membro Fundador da Academia Planaltinense de Letras - APL.

É autor dos livros **Nas Asas da Poesia** (1998) e **Fragmentos de Mim** (2002) e de trabalhos publicados nas antologias **Momento Literário de Planaltina** (1999), **Sonhos E Saudades na Abertura do III Milênio** (2000) e **Palavras, Sentimento e Paz** (2002), obras da Academia Planaltinense de Letras – APL.

Neste livro Joésio Menezes nos apresenta um trabalho diferente daqueles publicados nas obras mencionadas acima. Trata-se de textos 100% em prosa, por meio dos quais o autor revela-se um autêntico admirador do mundo em que vivem as crianças: ingênuo, imaginário e cheio de encantos e fantasias.

Índice

11 - Prefácio

13 - O Cachorro Que Queria Ser Gente

24 - O Amante da Bola

29 - A Cigarra e a Formiga: Uma Dupla de Sucesso

35 - Milagre de Natal

45 - O Triângulo de Iscariotes

49 - Saudade

51 - Trinta Segundos

53 - O Homem do Chapéu Preto

56 - O Beijo

58 - Festa no Céu

60 - De Atleta e Louco Todo Mundo Tem Um Pouco

62 - Terra-Brasilis

66 - Doce Monotonia

69 - Desencontros do Destino

73 - A Filha do Avô

77 - O Mensageiro de Deus na Terra do Sol

87 - Memórias Póstumas de Uma Cadela

92 - Rodoviária

96 - Tríade

97 - Carta da Poesia a um Leitor Amigo

PREFÁCIO

Escrever é um momento de inspiração e transpiração. Pela inspiração, o autor transcende a realidade e sua imaginação, viaja por lugares tão inacreditáveis que nos proporciona uma maravilhosa sensação de prazer. É também transpiração, pois é uma atividade que requer dedicação e um exercício contínuo com as palavras.

Joésio Menezes utiliza uma linguagem em que os recursos expressivos se encontram e prendem a atenção pelo modo como ela é construída. Esta é a beleza de um texto literário: mexe com os sentidos, prende-nos com sua construção plurissignificativa e envolve o leitor com as metáforas de nossa vida.

Como uma boa conversa, “*Um Dedo de Prosa*” prende a atenção do leitor pelo inesperado, pela fantasia, sem deixar de lado a espiritualidade. Os textos recriam a realidade e esta é recriada livremente pelo leitor que os lê. O regionalismo, o sonho, a realidade, a política, as lendas, a paixão, a religiosidade e o nacionalismo nos são apresentados com uma íntima sensibilidade do autor, que proporciona momentos de humor e reflexão sobre a vida e o mundo.

Os contos e crônicas são os gêneros desenvolvidos nesta obra. Por serem narrativas curtas, a brevidade temporal é presente nos textos. Mas isso não quer dizer que seja um ponto

negativo. É nesta hora que se percebe o aprofundamento do autor, sua organização e habilidade, pois consegue causar “impacto”, fazendo o leitor se deslumbrar com jogos de imagem que os textos trazem.

A leitura lembra vários estilos literários. O conflito entre a vida e a morte presente no texto “Festa no Céu” nos aproxima ao estilo barroco, o sentimentalismo e o nacionalismo dos românticos, a análise psicológica dos realistas, a religiosidade dos simbolistas, o regionalismo e a linguagem acessível dos modernistas.

Afinal, este é um livro que com certeza agradará àqueles que gostam de um bom **dedo de prosa**.

Edimilson Suares Lúcio Júnior
Professor de Literatura Brasileira

O CACHORRO QUE QUERIA SER GENTE

- Mãeiêêê, meu cachorrinho caiu!... Gritava desesperadamente o garoto que, de cima do caminhão, via seu cãozinho cada vez mais distante.

E assim começa a estória de Argos, um cachorro que caíra do caminhão e se perdera quando seus donos mudavam-se para outra cidade, em busca de uma vida menos sofrida.

Desde então Argos vem peregrinando mundo afora à procura dos seus donos. Dias se passaram e nada daquela família que o adotara como se fosse membro dela. Em sua peregrinação, Argos passou por vários lugarejos na esperança de encontrar seus donos e só o que encontrou foi desprezo, fome, sede, frio e maus-tratos. De vez em quando encontrava uma alma caridosa que lhe dava um pouquinho de comida e água fresca, mas, logo depois o enxotava.

Durante todo o dia, todos os dias, o pobre cãozinho caminhava sem rumo, sem destino, em vão. À noite, morto de cansado, procurava um lugar que lhe servisse de abrigo e pudesse descansar, pois no dia seguinte haveria de reiniciar sua caminhada.

Depois de algumas semanas na estrada, Argos chega finalmente a uma cidadezinha. Parecia ser aquela que o “seu Zé” - pai de Zezinho, o garoto que ficara chorando em cima do caminhão no dia em que seu cãozinho caíra - tanto falava.

Argos sentiu uma sensação de alívio percorrer por todo o seu corpo.

- Meu Deus, será que agora encontrarei meus donos? - Pensava ele.

Argos percorreu ruas, becos, vielas, e nada de Zezinho, nada de “seu Zé”...

Certo dia, em uma das suas andanças, Argos ouve um garoto pronunciar um nome que lhe é bem familiar: “- Vai uma graxinha no sapato, seu Zé?”. - Argos alegremente correu em direção àquele homem, abanando o rabo e rastejando-se.

- Sai prá lá, seu cão pulguento!... - esbravejou o moço.

Foi aí que o pobre cão percebeu que aquele “seu Zé” não era o seu dono, pois naquela cidade, quando não se sabia o nome das pessoas, costumavam chamá-las de “seu Zé” e “dona Maria”.

Pobre Argos!... Mais uma vez deu com “os burros n’água”.

Cansado de tanto ser enxotado, de tanto passar sede, fome e frio, Argos muitas vezes desejou a morte, pois não mais tinha esperanças de encontrar seus donos, tampouco tinha forças para continuar procurando-os.

De repente Argos viu surgir-lhe a chance de dar uma guinada na vida. Um dia, após horas de caminhada, ele encontrou uma cabaça perdida embaixo de uma frondosa árvore. Era semelhante àquela que o pai de Zezinho carregava, cheia de água, toda vez que ia para mato em busca de caça.

- Obrigado, Pai, ao menos a sede hei de

saciar.- pensou Argos.

Dirigiu-se à cabaça e com as patas dianteiras segurou-a, pressionando-a contra o chão. Com a boca puxou a rolha que a vedava na esperança de encontrar ali algumas gotas de água. Após alguns instantes, Argos consegue abrir a cabaça, só que ao invés de água, de dentro daquele recipiente sai uma nuvem de fumaça negra e, em segundos, essa fumaça transforma-se em um ser estranho... Era um gênio. Igualzinho àquele que saiu de dentro de uma certa lâmpada mágica.

Assustado, Argos correu e escondeu-se atrás de um pequeno arbusto, e de lá ficou observando aquela nuvem de fumaça transformar-se numa criatura esquisita que, vendo-se livre, sentia-se na obrigação de retribuir o favor e agradecer o seu Amo.

- Oh, oh, oh!.. Estou livre!... Finalmente livre!... Livre após anos de clausura...Oh, oh, oh!... E isso, meu Amo, devo a ti!... Aproxima-te... Não tenhas medo!...

Assustado, e desconfiado, Argos aproxima-se daquela criatura que lhe chamava de Amo.

- Isso, meu Amo, aproxima-te... Graças a ti estou livre novamente. Pensei estar eternamente condenado à prisão. Já estava aqui há quase três mil anos. E como prova da minha gratidão, conceder-te-ei três pedidos. Só há um porém: não poderei mudar o teu passado. O que houve contigo até o instante em que abriste esta cabaça, não poderei mudar. Somente em teu futuro me é permitido interferir.

- Que pena!... - respondeu Argos - Eu gostaria muito de reencontrar meus donos.

- Lamento, amo, mas, como já disse, o que aconteceu a ti momentos antes de eu sair dessa cabaça não poderei mudar.

- Bem!... Já que não pode me ajudar a reencontrar meus donos, peço-lhe, então, que me transforme em gente... Isso mesmo, quero ser gente.

- Pedido feito, pedido atendido. - disse o gênio.

E...PUF!... Argos deixara de ser um “cão pulguento” e transformara-se em um ser humano.

-Prontinho, amo, és um homem e ainda tens direito a mais dois pedidos. Faça-os!...

- Creio que não terei de precisar desses dois pedidos, pois agora sou humano, forte, saudável e disposto. Tudo de ruim que poderia ter acontecido comigo, já aconteceu quando eu era um cão. Muito obrigado, gênio, não precisarei desses pedidos, guarde-os para outra pessoa.

- Não, amo. Eu os guardarei para o senhor por tempo indeterminado, pois te pertencem e ninguém os tirará de ti. Toma, guarda estas duas esferas. Quando estiveres precisando de mim, jogue-as no chão que ao teu lado estarei. Mas, lembra-te: cada esfera equivale a um pedido. Agora dá-me licença que preciso desfrutar da liberdade que concedeste-me... Fui!... e desapareceu sem deixar rastros

Argos agora estava feliz, pois era gente e, pensando ele, todos os seus problemas estariam

resolvidos.

De vida nova, em corpo novo, Argos recomeça a sua peregrinação, agora em busca do seu espaço no mundo dos homens. Só que ele não contava com uma coisa: a necessidade de ter um emprego para que com ele pudesse manter-se, comprar comida, roupas e conseguir um lar.

A tarde chegava e Argos, sem nada no estômago, sentia-se fraco. Ao passar em frente a um restaurante, viu várias pessoas sentadas, fazendo sua refeição. Seu estômago parecia estar em ebulição. Argos dirigiu-se a uma das mesas e sentou-se no chão, ao lado de um homem sentado à mesa, e ali ficou como se ainda fosse um cão. A cada garfada que o cidadão dava, Argos lambia os lábios e engolia seco.

- O quê que você está olhando? - indagou o homem - Está com fome?... Então compre a sua comida!

- Mas, não tenho com que comprar! - respondeu Argos.

- Então vá trabalhar, vagabundo!...

- Eu nada sei fazer!... A única coisa que me ensinaram foi ficar vigiando a casa do “seu Zé” enquanto ele viajava com a família.

- Então volte para a casa desse “seu Zé”.

- Ele se mudou com a família e eu não sei para onde foram. Estou sozinho nesse mundão de Deus.

- E eu com isso?... Vá procurar outra “freguesia” e me deixa comer em paz!... Xô!...

Argos sentiu escorrer-lhe pelo rosto uma

solitária lágrima e, cabisbaixo, saiu daquele lugar. E a cena se repetia pelos vários lugares por que passava. “- Vai trabalhar, vagabundo!”

Entrou em um bar e pediu ao rapaz que estava atrás do balcão um copo com água. O rapaz não lhe negou o pedido, mas, não lhe deu trégua.

- Já que o senhor bebeu sua água, faça-me o favor de ir “circulando”, pois o seu cheiro de “cachorro” suado está espantando a clientela. Na saída da cidade tem um córrego; passe lá e tome um banho, vai fazer-lhe bem, tenho certeza.

Argos agradeceu o copo com água e retirou-se. Quando não mais tinha esperanças de encontrar alguém que lhe desse o que comer, lembrou-se das esferas. Pegou uma e jogou-a no chão e... PUF!... lá estava o gênio à sua frente, pronto para servi-lo.

- Chamaste-me, amo?

- Sim, chamei-lhe!... Já que tenho direito a mais dois pedidos, farei um.

- Então peça, amo!

- Pensei que já tivesse passado por tudo de ruim quando ainda era um cão. Continuo levando aquela “vidinha” de sempre. Só que com uma grande diferença: antes, de vez em quando, aparecia uma alma caridosa aqui, outra ali, e me dava um restinho de comida. Hoje, as únicas coisas que ganhei foi um copo com água e o nome de vagabundo. Continuo sendo um “Zé Ninguém”.

- Então diz-me o que queres, amo!

- Eu quero ser um homem rico, pois, tenho certeza, nunca mais hei de pedir um pouco de comida a ninguém e nem serei obrigado a ouvir,

calado, chamarem-me de vagabundo.

- Pedido feito, pedido atendido...

PUF... Lá estava Argos, em uma bela mansão, sentado a uma mesa farta e cercado de serviçais por todos os lados, dentre os quais, o gênio, que pediu licença e retirou-se, deixando-o à vontade para usufruir a nova vida. Porém, junto à fortuna também vieram a arrogância, a prepotência e a desumanidade. E em consequência disso, Argos passou a conhecer a avareza, a ambição e o ódio, sentimentos típicos e exclusivos do homem.

Seus empregados não o suportavam, pois eram tratados feito escravos e, às vezes, animais. Argos não tinha amigos, não tinha família, não tinha felicidade. Por mais que tentasse conquistar amigos, esses o descartavam, pois pensavam que Argos estava querendo comprá-los. E aqueles que se aproximavam, Argos pensava que isso faziam buscando tirar vantagem do privilégio de ser amigo de um homem abastado.

Argos tinha tudo: dinheiro, imóveis, carros importados, comida em fartura, água em abundância, no entanto era infeliz, pois faltava-lhe o amor, o carinho e a compreensão, sentimentos sem os quais torna-se impossível a harmonia entre os homens.

Solitário e quase em depressão, Argos recorre à última esfera, aquela que poderia mudar em definitivo o seu destino, a sua vida.

- Oh, meu Deus, um pedido errado agora pode pôr fim à minha vida. Preciso tomar uma decisão mais que correta. Se eu não era feliz como

cão, como homem pior estou. Ilumina-me, Senhor... Ajuda-me nesta hora... Não me deixa pisar em falso novamente, pois esta é a última oportunidade de ser feliz.

Argos dirigiu-se ao seu quarto, trancou a porta e pegou a esfera, olhou-a pensativo e apertou-a contra o peito esquerdo. Fechou os olhos como se estivesse fazendo uma oração e atirou a esfera no chão. Uma nuvem de fumaça tomou conta do seu quarto. Aos poucos aquela nuvem foi dissipando-se e por trás dela surgia aquela figura já conhecida de Argos, o gênio.

- Pronto, amo, aqui estou.

- Ainda tenho um pedido a fazer, certo?

- Certo!... Mas é bom lembrar-te de uma coisa: esse é o teu último pedido. O que for pedido agora, será em definitivo. Se cometeres um erro, aviso-te, será irreversível. Por isso, aconselho-te a pensar direito no que queres.

- Já pensei, gênio, já pensei... Pensei muito e cheguei à conclusão que essa é a minha última oportunidade de ser feliz... Também sei que será essa a última vez que iremos nos ver. Mas... preciso arriscar. Você me deu tudo que um homem poderia ter e eu não soube aproveitar. Talvez por que a vida inteira eu tenha sido um cão e, por isso, não aprendi a lidar com as coisas dos homens... Enquanto cachorro, até perder-me dos meus donos, eu era feliz. Hoje, como ser humano, tenho tudo, falta-me, porém, uma coisa: a felicidade. Hoje sou mais infeliz do que quando era cachorro, pois sou muito solitário. Não tenho um amigo sequer.

- Pois bem, amo, faça teu pedido.
- Eu gostaria de voltar a ser cachorro.
- O quê?... Amo, sabes o que estás me pedindo?.. Este é o teu último pedido!...

- Eu sei!... Eu sei!...
- Tudo bem!... Se queres isso, devolver-te-ei, então, a vida que tinhas antes de nos conhecer, porém, como já havia dito anteriormente, em teu passado não posso mudar. Nada poderei fazer no que diz respeito ao que aconteceu a ti antes de encontrar aquela cabaça, fui claro?

- Sim... Estou ciente... Mas, já estou decidido... Quero voltar a ser cachorro. É esse meu último pedido... É isso que eu quero.

- Então... pedido feito, pedido atendido!

E essa foi a última vez que Argos e o gênio mantiveram contato. Agora era irreversível. Argos voltara a ser cachorro. Sua vida retornara ao ponto onde ele havia sido transformado em gente...

Argos, com a boca, tentava abrir a cabaça na esperança de encontrar ao menos uma gota d'água, o suficiente para saciar a sua sede, quando, de repente, surge um caçador. Assustado, e sentindo-se ameaçado, Argos mostra os dentes ao caçador e começa a rosnar, como que querendo defender-se.

- Calma, rapaz! - disse o caçador - Não vou lhe fazer nada. Deixe-me ajudar-lhe.

Argos soltou a cabaça e afastou-se. O caçador pegou-a e abriu-a, tirou da sua mochila um prato velho e sujo. Limpou-o com os punhos da camisa, encheu-o de água e deu ao cão. Argos

bebia a água como se há anos nada bebesse.

- Nossa, rapaz, você estava com sede! - espantou-se o caçador, que tirou da mochila uma marmita, destampou-a e ofereceu-a ao cão - Está com fome também?.. Tome... Coma isso... Não se preocupe comigo, já comi algumas frutas. E mesmo que nada tivesse comido, eu não iria conseguir comer essa “gororoba” que minha mulher preparou para mim. Coitados dos meus filhos!.. Não sei como eles conseguem comer isso todos os dias.

Argos comia a “gororoba” servida pelo caçador como se estivesse servindo-se de um banquete, qual aquela mesa farta que lhe fora servida pelo gênio.

- Parece-me que você está perdido, não é mesmo, amigo? - disse o caçador - Se você não se importar em partilhar comigo as comidas que a minha esposa faz, pode ir para a minha casa. Lá encontraremos um lugarzinho para você, no fundo do quintal, é claro. Não tenho muito a lhe oferecer, mas, com certeza, você terá onde dormir e o que comer e beber. Além disso, estou precisando de um parceiro que possa me fazer companhia em meus dias de caça, pois desde que meu cachorro foi atacado e devorado por uma onça, tenho me embrenhado na mata sozinho.

Apesar do que lhe contara o caçador a respeito do seu cachorro, Argos sentiu que a sua felicidade estava de volta. Levantou-se e, abanando o rabo, pulou em cima do seu novo dono, do seu novo amigo, e começou a lambê-lo.

- Peraí, rapaz!... Pare com isso!... Você está

muito fedido!... Há quanto tempo você não toma um banho, heim?...

Argos pouco dava importância ao que dizia o caçador. Para ele, ser chamado de “fedido” era como se estivesse recebendo um elogio.

O caçador juntou seus pertences, guardou-os na mochila e jogou-a nas costas. Levantou-se e seguiu para casa.

- Vamos, amigo, precisamos chegar em casa antes de o sol se pôr, pois ainda hoje você tomará um belo de um banho.

E Argos seguiu o caçador, alegre e saltitante, levando consigo a certeza de que nunca mais irá passar fome e sede, e de que será muito feliz em seu novo lar, na companhia dos seus novos donos... Argos olhou para trás, em direção à árvore onde encontrara a cabaça, e naquele instante percebeu que o seu destino já estava traçado e que de nada adiantaria tentar mudá-lo.

O AMANTE DA BOLA

- Sabe qual é a nova da cidade?

- Não!... Qual é?

- Lembra-se da estória da bola e do goleiro que aquele baianinho de Itabuna, amigo de Tieta e de Dona Flor (que Deus o tenha!...), nos contou?

- A bola que se apaixonou pelo goleiro e com ele se casou?

- Exatamente!

- Lembro-me!... Mas, qual a relação entre essa estória e as novas da cidade?

- Comenta-se por aí que chegou à cidade um garoto lá das Gerais, da cidadezinha de Três Corações, e que ele anda cheio das intimidades com a bola.

- E que problema há nisso?

- O problema é que, não faz muito tempo, a bola casou-se com o goleiro e já está com toda essa intimidade com esse rapazinho recém-chegado à cidade. “Onde há fumaça, há fogo!” É o que anda dizendo o povo!

- Não devemos dar ouvidos a tudo que o povo fala... O povo costuma falar demais!

- E justamente por falarem demais é que fico preocupado!

- Preocupado com o que?

- Com o que andam falando, ora!... Se essas fofocas chegarem aos ouvidos do goleiro - se é que já não chegou! - sabe o que pode acontecer?

- Não!

- Eles podem se separar, o que não é bom para nenhum dos dois, pois segundo nos contou o baianinho Jorge, o amor entre ambos era intenso e fiel, entretanto, não há amor que resista a tanto. Acho até que eles já se separaram!...

- E por que você acha isso?

- Em meio às fofocas, surgiu uma muito agravante!

- E o que dizem?

- Dizem as más línguas que a intimidade entre a bola e o rapaz de Três Corações é tão grande que os dois viajaram para os “estrangeiro”!

- É mesmo?...

- É o que dizem!

- Qual lugar dos “estrangeiro”?

- Sei não!... O boato é que foram juntos à Suécia, ao Chile, à Inglaterra, ao México e, por último, aos Estados Unidos.

- Então a coisa é séria mesmo!.. Será que o povo não está fazendo tempestade num copo d’água? De repente eles são só amigos ou até mesmo parentes!

- O que falam por aí não é isso não!

- E ainda tem mais?

- Num tô te falando que a fofoca é das “braba”, rapaz?...

- E o que mais estão dizendo sobre os dois?

- Que eles são amantes.

- Amantes?... Ah, não!... nessa eu não acredito!

- Eu também tenho cá minhas dúvidas, mas

as evidências apontam para o que dizem!

- E o que é que dizem além do que você já me falou?

- É bom que fique claro que não sou eu quem está dizendo isso! Mas... nessas viagens que os dois fizeram para os “estrangeiro”, eles andaram dormindo juntos!

- A bola e o rapaz das Gerais?

- Isso mesmo!

- Caramba!... É mais sério do que eu pensava!

- Pois é! E é por isso que acho que já devam estar separados, a bola e o goleiro!

- E o goleiro? Têm notícias dele?

- O comentário é que logo após essas fofocas ele aposentou-se.

- Aposentou-se?... Mas a impressão que tínhamos era a que ele jamais se aposentaria, pois amava a profissão!

- Foi por isso, também, que eu disse que as evidências apontavam para a separação dos dois!...

- Eu acho que não tem nada a ver! Uma pessoa pode muito bem se aposentar por estar sentindo-se cansada!...

- Mas o que dizem é que ele foi aposentado contra a sua vontade!

- Foi aposentado?... Mas, como e por quê?

- Logo que começaram os boatos entre a bola e o forasteiro das Gerais, dizem que o goleiro caiu em depressão e não mais conseguiu aquelas boas atuações que levaram seu time às vitórias. Eram derrotas atrás de derrotas. Então os dirigentes

do time que o viu crescer e tornar-se um grande goleiro resolveram aposentá-lo, e não dispensá-lo. A aposentadoria foi uma forma de premiá-lo pelas excelentes atuações do passado.

- Coitado!... Ele deve estar na pior!

- Só se for com relação ao casamento!...

- Por que?

- Dizem os mais irônicos que após a aposentadoria ele entrou para o campo empresarial.

- Empresário?... Em que ramo?

- No ramo dos galináceos... Se não me falha a memória, comenta-se que ele está “tocando” uma granja.

- Uma granja!... E o que isso tem a ver com ele, meu rapaz?

- Dentre as fofocas que rolam pela cidade, uma é a que assim que soube da intimidade entre sua amada e o garoto das Gerais, ele desnorтеou-se e passou a colecionar frangos. Daí a decisão de aposentarem-no, pois goleiro e frangos não combinam.

- E a bola, que fim levou?

- Caiu na graça do povo e hoje é objeto de desejo de todos os garotos da cidade.

- Que sina, heim!... E o tal rapaz das Gerais?

- O Edinho?... Nem te conto!...

- Nem me conta o quê?... O que aconteceu com ele?

- Foi quem melhor se deu nessa estória toda! Depois de viajar mundo afora, ganhar fama e juntar alguns trocados ao lado da bola, resolveu

chutá-la para escanteio e hoje é empresário de outras bolas, mais novas e mais bonitas.

- Entendi!... tornou-se um “cafetão” de bolas!..

- Não foi bem isso que eu quis dizer!...

- Mas, foi exatamente isso que aconteceu, não?

- Não sei, não sei!... a única coisa que sei é que ele tornou-se um dos mais conceituados e respeitados empresários do mundo, só isso!.. Uma celebridade internacional. Chamam-no até de “Majestade”!... Bem, deixemos de lado a vida alheia e tomemos conta da nossa... Já falei demais!... Preciso ir... até outro dia!

- Peraí, cara, conte-me mais!

- Não posso, estou com pressa!... Até logo!...

- Até!!!

A CIGARRA E A FORMIGA: UMA DUPLA DE SUCESSO

“Era uma vez”, em Cafundó do Judas, cidadezinha do interior do Brasil, uma formiguinha que já não mais suportava aquela rotina de trabalho, principalmente quando se aproximava o inverno, período em que todos, indiscriminadamente, eram obrigados a trabalhar com o objetivo de abastecerem a despensa do formigueiro.

- Vida boa tinha aquela cigarra! - pensava a formiguinha, - Tanto foi boa que hoje seus descendentes usufruem do bom e do melhor deixado por aquela artista internacionalmente conhecida. Enquanto isso, herdamos dos nossos ancestrais somente o labor. Um dia hei de deixar essa vidinha besta.

Certa vez, em mais um daqueles dias de muito trabalho, lá estava ela, a formiguinha, embaixo de uma árvore, exaurida, banhada de suor, faminta, porém, cantarolando, quando de repente ouve uma voz estridente chamando-lhe:

- Ei, psiu!...

- Quem está me chamando? - perguntou, olhando para os lados, a formiguinha.

- Eu!... - respondeu aquela voz.

- Eu quem?

- O seu futuro... cá em cima!

A formiguinha olha para cima e depara-se

com uma cigarra, semelhante àquela de *La Fontaine*, sentada num galho da árvore, pernas cruzadas, uma velha viola embaixo do braço.

- Oh!... não acredito... uma cigarra!.. Será aquela cigarra? - exclamou, referindo-se à famigerada cançãoeira - Não, não pode ser, está muito conservada!...

- Exatamente! Não sou aquela cigarra que todos conhecem... Queria eu ser!... Ainda estou no anonimato, mas, com a sua ajuda, com esta velha viola e com o meu talento, espero sair dele o mais rápido possível.

- Com a minha ajuda? Mas, em que eu, uma formiga operária, poderia ajudá-la? - indagou.

- Há dias, enquanto sozinha ensaiava minhas canções, vinha observando-lhe e notei que você está cansada dessa “vidinha besta”. Notei também que você gosta de música, pois, apesar do trabalho árduo, você está sempre cantarolando. - explicou a cigarra.

- Sim, é verdade! Gosto muito de cantar, mas, jamais ouvi falar de formigas que tenham sido reconhecidas por suas canções, por sua voz, pelo seu talento artístico. As formigas são reconhecidas pelo seu trabalho árduo e rotineiro, nada mais além disso. - retrucou a formiguinha.

- Mas, juntas haveremos de vencer, de alcançar o sucesso, de acabar com essa conversa de que as formigas não têm talento, além do trabalho. Como já lhe disse, pretendo sair do anonimato, e, para isso, precisamos unir nossas forças, ou melhor, nossas vozes. - insistiu a cigarra. - Daqui a seis

meses haverá um festival de músicas regionais. A melhor dupla ganhará prêmios em dinheiro e a oportunidade de gravar um CD e -quem sabe?- um DVD. Daí para o sucesso será um pulo!...

- E por que não tenta formar dupla com outra cigarra?... Garanto que fará mais sucesso que com uma formiga!

- Engano seu... Todas as cigarras cantam só ou em coro. Para se formar uma dupla caipira é necessária a harmonia entre as primeira e segunda vozes, o que se torna muito difícil entre duas cigarras. Nesse caso eu faria a primeira voz, pois você não conseguiria fazê-la.

- Sei não!... Preciso pensar. - disse, desconfiada, a formiguinha.

- Pois bem! Pense. Mas, é preciso que me dê uma resposta o mais rápido possível, pois precisamos nos inscrever no festival e, principalmente, ensaiar o que devemos apresentar. Amanhã esperarei você aqui, nessa mesma árvore.

- Amanhã?!...

- Sim, amanhã!

- Mas...

- Não tem “mais” nem menos!...

- Mas, preciso conversar com meus pais sobre a sua proposta.

- É pegar ou largar! - impôs a cigarra - Não podemos perder tempo, amanhã estarei aqui lhe esperando.

- Combinado! - concordou a formiga.

E assim a formiguinha não mais conseguiu concentrar-se no trabalho durante o restante do dia,

pois não parava de pensar na possibilidade de largar aquela vida e tornar-se uma formiga famosa.

Ao final do expediente, voltou para casa e foi correndo contar a novidade aos seus pais que, surpresos, esbravejaram.

- O que?!... Será que o sol derreteu seus miolos, menino?... Bem que eu avisei para você usar sempre um chapéu quando fosse para a lida... Ora essa!... Desde quando uma formiga ganha a vida cantando? - indagou a mãe.

- Pois eu serei a primeira a conseguir esse feito!.. Eu e a cigarra! - retrucou a formiguinha.

- Até parece!.. Você não se lembra do final daquela outra estória? - lembrou o pai - Pois é, quando chegou o inverno, a cigarra cantora foi pedir ajuda à formiga que trabalhava enquanto ela cantava!

- Eu sei, pai, eu sei. Mas hoje as coisas são bem diferentes. Todos os dias surge uma nova dupla sertaneja e em pouco tempo essas duplas estão com os bolsos cheios de dinheiro, levando uma vida regada a mordomia. E tem mais, meu pai: estou precisando de férias, pois há muito tempo trabalho de sol a sol e sequer tenho um dia de descanso. Formarei dupla com a cigarra. Participaremos desse festival e se nada ganharmos, voltarei para casa e continuarei normalmente minha vida... Não custa nada tentar!...

- Meu filho, a vida das formigas sempre foi essa: trabalho, trabalho e mais trabalho. Foi assim com meus pais, com meus avós, bisavós e tataravós, e assim será enquanto formigas houver

na face da terra. Conforme-se. - disse a mãe.

No outro dia bem cedo, dona formiga, a mãe da formiguinha, vai acordá-la para mais um exaustivo dia de trabalho e fica surpresa quando não a encontra na cama.

- Não acredito, meu filho já se levantou!... Ele deve estar na lida com o pai. Coitadinho, foi dormir tão chateado conosco que nem quis fazer o desjejum!

À noite, quando o pai da formiguinha chega em casa, pergunta à esposa pelo filho:

- Por que nosso filho não foi ao trabalho hoje? Ele está doente?

- Ele não foi ao trabalho?!... Mas, então, aonde ele foi? Não estava na cama quando fui chamá-lo!... Ó, meu Deus, será que algum pássaro faminto ou algum tamanduá desnaturado comeu meu filhinho? - gritava a mãe, desesperadamente.

O pai da formiguinha foi à casa de alguns amigos de seu filho em busca de informações e logo ficou sabendo que naquela manhã ele foi visto, com uma “trouxinha” nas costas, pegando carona no dorso de uma cigarra e sumindo céu afora.

A cigarra e a formiguinha embarcaram para a cidade grande em busca do sucesso. Muitas dificuldades encontraram; muitos concorrentes enfrentaram, mas, um a um, esses obstáculos foram ficando para trás; e a dupla de Cafundó do Judas ganhou o primeiro, o segundo... inúmeros festivais de música. Gravou CDs e DVDs, fez shows, juntou fortuna, conquistou o Brasil...

Anos se passaram, e, quando todos em Cafundó pensavam que a formiguinha tinha virado banquete de tamanduás, eis que surge sobrevoando o céu daquele formigueiro um helicóptero - um LIBÉLULA de última geração - fretado pela formiga fujona que um dia havia deixado seus pais, seu trabalho, sua comunidade... no dorso de uma cigarra em busca de fama e, principalmente, de uma vida mais tranqüila.

Os pais da formiguinha receberam-na cheios de lágrimas e de saudades. Vontade de dar algumas palmadas no filho, por conta do susto e do sofrimento por que passaram, não lhes faltou, mas o desejo de abraçarem-no foi mais forte.

A formiguinha tranqüilizou-os, dizendo que não mais deixaria sua família em busca de aventuras. Disse-lhes que, ao lado da cigarra, conseguiu fazer seu “pezinho-de-meia”, o suficiente para viverem sossegados por muitos e muitos invernos, porém, a felicidade... essa ele não conseguiu conquistar, pois a saudade de casa era bem maior que vontade de tornar-se famoso ou de juntar fortuna. Durante os anos que ficou ausente, descobriu que somente ao lado do seu povo, no seio da sua família, com aquele trabalho rotineiro que muito suor o fez derramar longe dos holofotes, seria possível viver feliz.

A cigarra seguiu carreira solo... E em sua agenda tem, inclusive, shows marcados nas melhores casas de espetáculos da França, terra natal daquela cigarra lançada ao mundo por *La Fontaine*.

MILAGRE DE NATAL

Era manhã de 24 de dezembro, véspera de natal, dia em que nascera o filho de Deus. Véspera, também, do aniversário de Messias, primogênito do “Seu” Zé Arimatéia e da Dona Imaculada.

Onze anos tinha o menino, e há dois tivera que interromper os estudos para ajudar nos afazeres domésticos e no cuidado dos dois irmãos mais novos: Emanuel, de seis anos, e Vitória, de dois, vez que Dona Imaculada, desde que perdera o marido picado por uma cascavel quando na roça trabalhava, encontrava-se enferma e, há mais de seis meses, desenganada pelos médicos.

Dona Imaculada estava a um mês e meio de dar a luz quando recebera a notícia do falecimento do “Seu” Matéia (como era conhecido na região), homem trabalhador, bom marido, bom pai e muito respeitado por todos na cidadezinha onde morava devido a sua honradez e honestidade. A notícia chegara como uma bomba, implodindo Dona Imaculada, até então, mulher forte, robusta e destemida. Com o impacto da trágica notícia, Dona Imaculada entrou em trabalho de parto. Nhá Benedita, neta de escravos, madrinha de Messias, parteira da cidade, fora chamada às pressas.

Após horas de sofrimento, Nhá Benedita tinha em mãos uma pequenina moça: corada, gorducha, chorona, a qual foi batizada Vitória, tendo em vista as circunstâncias do seu nascimento.

Como fazia todos os dias, desde a morte do pai, o nascimento da irmã e a doença da mãe, Messias se levantou às cinco da manhã, foi ao curral, apeou Malhada – velha vaca doada por vizinhos quando do nascimento de Vitória que, desde então, alimenta não só a menina, mas toda a família -, tirou um balde de leite (o suficiente para o café da manhã), depois, jogou milho às poucas galinhas que havia num pequeno cercado, varreu o terreiro e às 7:30 o desjejum já estava pronto.

O pequeno órfão traz no rosto um semblante triste, pois sente a falta do pai, sofre com a enfermidade da mãe, pena com o peso da responsabilidade que o destino jogou-lhe e, principalmente, por não encontrar tempo para aquilo que mais gostava de fazer antes da morte do pai: ir à escola, tomar banho no riacho com os amiguinhos e brincar com Emanuel, seu irmão mais novo.

Duas vezes ao dia, Nhá Benedita ia à casa do afilhado para ajudá-lo no asseio da sua mãe. Naquela manhã, quando chegou à casa da “cumade” Imaculada, Nhá Benedita flagrou seu afilhado sentado no batente da porta de entrada da casa, com os olhos avermelhados, como se estivesse chorando.

- Bom-dia, fio!...

- Bom-dia, madrinha... Bença!...

- Bençoe, fio... A cumade já acordô?

- Já sim, madrinha, tá lá no quarto, banhada de mijo.

- Tem pobrema não, fio, a madrinha cuida

da sua mãe... E ocês, já tomô café?

- Os minino já!...

- E ocê, pru quê num tomô?

- Tô sem fome, madrinha, tô sem fome.

- Tava chorano, fio? – perguntou, segurando-o pelo queixo e olhando-o nos olhos.

- Tava não, madrinha, foi um cisco que caiu nos meu zóio.

- Missia, Missia!... Num minta prêu, pru quê minti prá mãe e prá madrinha é pecado, Deus num gosta!... Cê tava chorano sim...o que foi?

- Madrinha, Papai Noel existe?

- Craro!.. Pru quê a pergunta?

- Então, por que ele nunca traz presente para as criança pobre?

- Bestage, fio, é craro que ele tráis!

- Traz não, madrinha, traz não!... Todo natal é sempre a merma coisa. Só os minino rico é que ganha presente. Eu e meus irmão nunca ganhamo presente. Nem Luquinha, fio da lavadeira da rua de baixo, o afiado de mainha...

- É pru quê são muitas criança pru Papai Noel dá presente. As vês num dá tempo de atendê tanto minino, meu fio.

- Mas, madrinha, todo ano é a merma coisa. É sempre os mermo minino que ganha presente: os fio do “Seu” Joca da venda, os afiado da Dona Maria dos Remédio, lá da farmácia, os subrim do prefeito e os neto do Nhô Lau, dono da padaria. E os ôtro minino, por que num ganha, heim?

- Fica ansim não, meu fio, um dia Papai Noel vai trazê presente procê e prus seus irmão,

pois cê é um minino bão, e Deus tá oiando procê!

- Madrinha, eu só queria que Deus ouvisse minhas prece!... Num quero que Papai Noel traga rôpa, nem brinquedo, nem dinhêro. Só quero que ele traga um remédio prá mainha ficá boa... Se ele pudé dá uns brinquedo prus meus irmão, num tem problema, mas, prá mim o que mais importa é a mainha ficá boa e andano por toda casa, como antes... Ela num pode morrê, madrinha, num pode!

- Isso num vai acontecê, meu fio!... Deus num vai deixá. Seu pidido vai sê atendido, credite... Deus é bão... Agora deixe eu dá um banho na sua mãe, dispois eu faço o armoço procês... Ó!... chore não, tá?... Vá discansá um pouco, cê acordô muito cedo hoje.

- Madrinha, como fazemo prá cunversá cum Papai Noel? Tem que tê telefone?

- Sei não, fio!

- Então, como é que ele advinha as casa dos minino que qué ganha presente?

- A gente fais o pidido quano tivé rezano, dispois, na hora de drumi, a gente coloca uma meia na janela e o Papai Noel, na noite de natal, sai botano os presente nas meia, dano preferência àquele que teve o pidido mais sincero e àquele que foi mais bonzinho durante o ano todo.

- E a meia tem que sê nova, madrinha?

- Não!... Pode sê qualqué meia, nova ô véia. Num importa o istado da meia... O que mais importa é o pidido e cuma ele foi feito, e pru quê!

E assim Nhá Benedita entrou e foi cuidar da Dona Imaculada. Messias permaneceu sentado no

batente da porta, observando o vai-vem do povo, uns com pequenos embrulhos, outros com embrulhos maiores e alguns sem nenhum embrulho. Observava o padre, as freiras e alguns fiéis a decorarem a entrada da igreja para a Missa do Galo, a ser celebrada logo mais, à noite. Observando toda aquela movimentação, Messias enxuga uma lágrima solitária que lhe escorre pelo rosto com as costas da mão direita enquanto pensa:

“- Tadinha de mainha, desde que painho morreu, ela nunca mais foi prá igreja. Ela gosta tanto de ir prá igreja!... Ó, meu Deus, mande Papai Noel trazê um remédio prá mainha ficá boa!... Num prciso de rôpa, nem de brinquedo, nem de dinhêro... Priciso só de mainha, eu e meus irmãozinho!...”

Cai a noite, Nhá Benedita ainda está na casa de Messias, agora preparando o jantar. Ao terminar, faz várias recomendações ao afilhado antes de regressar à sua casa:

- Meu fio, quando ocês jantá, mande seus irmão lavá a boca antes de drumi... Ah, num isqueça de falá prá eles mijá antes de deitá, sinão eles pode mijá na cama, e quando ocê fô drumi, reze com devoção e faça seu pidido a Papai Noel, quem sabe ele atende ocê hoje, né?... Inté manhã, fio!.. Ó, si a sua mãe piorá, pode i me chamá, tá bão?... Boa noite, fio!...

- Boa noite, madrinha... Bença!

- Bençoe... Inté!... – Beija sua cabeça e sai.

Messias segue as recomendações da madrinha: Após o jantar, leva seus irmãos ao

banheiro para fazerem a higiene bucal e urinarem. Antes de deitar-se, passa pelo quarto da mãe para certificar-se de que ela estaria bem. Ela estava dormindo. Ele ajoelha-se ao lado da cama, pega a mão direita da mãe, beija-a pedindo-lhe a bênção. Depois se levanta, pega o lençol e cobre a mãe, até a altura do tórax. Dá meia volta e segue para seu quarto, onde dorme na companhia dos dois irmãos. Pára, olha para trás e sussurra: “- Dorme com os anjo, mainha!... Boa-noite!...” - e sai.

Cuidadosamente - para não acordar os irmãos - entra em seu quarto, ajoelha-se aos pés da cama, junta as mãos (palma a palma), encosta-as à boca, dirige o olhar para o teto da casa, como se estivesse olhando para o céu, e começa a rezar, silenciosamente. Ao término da oração, levanta-se, pega um par de meias velhas do seu falecido pai, dirige-se à sala e dependura-as na janela. Uma para o presente de Emanuel, a outra, para Vitória. Depois apaga a lamparina e vai dormir...

A movimentação do povo na rua e o barulho dos festejos natalinos nas casas vizinhas não o deixam dormir. Levanta-se e volta para a sala. Senta-se num cantinho escuro e lá fica à espera de Papai Noel para certificar-se de que ele existe ou não. Espera uma, duas, três horas, até cair em sono profundo. Horas depois, com a luz do sol que passa pela fresta da janela e bate em seus olhos, acorda-se. Espreguiça-se, olha para os lados, tentando descobrir de onde vinha aquele cheirinho gostoso de bolo de fubá que acabara de sair do forno. Levanta-se e dirige-se à cozinha para

preparar o café. Lá chegando, depara-se com uma mulher magra, de costas, a coar café. Ao perceber que alguém se aproximava, a mulher vira-se e vê o rostinho assustado de Messias - como o de quem acabava de ver um fantasma - , sorri e cumpimenta-o:

- Oi, fio, bom-dia!... Durmiu bem?

- Mainha?!.. É a senhora mermo?.. Eu devo de tá sonhando!...

- Não, meu fio, cê num tá sonhando não!... Sou eu mermo, a sua mainha... Dê cá um abraço, vá!...

Messias não segura a emoção e, com os olhinhos cheios de lágrimas, dessa vez de felicidade, corre para abraçar sua mãe. Ele não sabia se beijava-a ou contemplava aquele rosto de fisionomia frágil. E abraçava-a e beijava-a... e beijava-a e abraçava-a... e dizia:

- Mainha, ó mainha, que bom que a senhora miorô! Que bom, mainha, que bom!

E abraçava-a fortemente, e beijava-a, e agradecia a Deus:

- Ó, meu Deus, muito brigado!... O Sinhô ouviu minhas prece!... – e saiu correndo para a sala, em busca das meias, e lá chegando teve outra surpresa. Estavam as duas meias, cada uma com um presentinho dentro, conforme ele havia pedido. Voltou correndo para a cozinha e novamente abraçou a mãe, agora mais forte ainda, e disse:

- Mainha, foi ele!... Foi ele, mainha!.. Foi ele quem trôxi remédio prá senhora ficá boa!... Foi ele sim!... Deus mandô ele aqui, mainha!

- Mas, ele quem, fio, ele quem?

- Papai Noel, mainha, Papai Noel!

- Papai Noel?

- Sim, mainha, Papai Noel!... A sinhora num acredita nele não?

- Credito sim, meu fio, credito sim!... Mas, Papai Noel num cura ninguém!... quem cura a gente primeiramente é Deus, depois os médico!.. Papai Noel só trais presente prá criança!

- Mas foi esse o presente que pidi prá mim, mainha!

- E o que foi que cê pidiu, meu fio?

- Onti, quando fui durmi, pidi a Deus que mandasse Papai Noel trazê um remédio prá sinhora ficá boa... Eu disse a Deus que num tava precisano de rôpa, nem de brinquedo, nem de dinhêro. Disse a Ele que eu e meus irmãozinho tava precisano de tê a sinhora boa, curadinha da silva, bunita como antes, brincano e brigano também com a gente. Era disso que nós tava precisano: da sinhora perto de nós. E Ele atendeu meu pedido, mainha, mandô Papai Noel trazê o bindito remédio prá sinhora. E num foi só isso não!... Papai Noel também trôxi dois presente prus meus irmão: um carrinho pro Emanuel e uma bonequinha prá Vitória.. Mainha, esse foi o mió presente que já ganhei em toda minha vida!

- Fais sintido, meu fio, fais sintido!.. Onti de madrugada eu tava sintino muita dô, quando de repente , nun sei se foi sonho, notei que tinha duas pessoa dentro do meu quarto. Num deu prá vê quem era, praque eu num conseguia abri os zóio

direito e tava um pôco iscuero, mas, com um pôquim de dificuldade vi a image de um véio sigurano alguma coisa, paricia uma injeção. Num deu prá vê a ôtra pessoa direito, pois como eu disse, tava muito iscuero. Dava só prá ouvi a vóis, e era de muié!.. Pensei até que já tinha murrido e tava no céu rudiada de anjo, pois o véio tava com uma rôpa branquinha, pariceno rôpa de anjo. Mas, num tinha ninguém com rôpa vermêia, como a de Papai Noel não!

- Mas era ele sim, mainha!.. Só que como ele veio trazê remédio prá sinhora, ele devia de tá cum rôpa de médico.

- Tá bom, fio, eu credito. Foi Papai Noel sim, enviado por Deus prá me curá!... Fico muito gracedida pelo seu pidido. Agora senta aí e tome seu café antes que isfrie... Eu fiz um bolo de fubá, do jeitim que ocê gosta... Coma, vá!

- Agora num posso, mainha, vô correno avisá a madrinha que Papai Noel atendeu meu pidido. Vô dizê a ela que ele me deu o mió presente de natal - e de niversário também! – que uma pessoa podia ganhá...

- É mermo, meu fio, hoje é seu niversário!.. Dê cá um...

Antes que Dona Imaculada terminasse, Messias saiu em disparada, em direção à casa da madrinha, gritando pelas ruas “- mainha ficô boa, mainha ficô boa!”- sem ao menos desconfiar que, na noite anterior, quando sua madrinha saiu da sua casa, passou numa lojinha e, com o que lhe sobrara da aposentadoria, comprou dois presentinhos: um

para Emanuel e outro para Vitória, foi só o que deu para comprar. E quando as crianças já estavam dormindo, Nhá Benedita foi à casa dos meninos colocar os presentes nas meias que seu afilhado dependurara na janela. Ao entrar na casa, percebeu que Messias dormia sentado num cantinho da sala. Enquanto colocava os presentes nas meias, ouviu alguns gemidos que vinham do quarto da sua comadre. Pé ante pé foi ao quarto de Dona Imaculada e viu que ela agonizava, como se estivesse prestes a morrer. Apressadamente, mas tomando cuidado para não acordar os meninos, saiu em busca do “Dotô Lázaro” - velho médico que há muito se aposentara e se mudara dali, mas, que na manhã anterior havia chegado à cidade para passar as festas de fim de ano com parentes e amigos que ali deixara - e levou-o à casa da sua comadre. Doutor Lázaro aplicou-lhe uma dose cavalgar de analgésico na veia, abriu sua valise e entregou a Nhá Benedita alguns anti-depressivos e um frasco de vitaminas.

Ao retornar para casa com a madrinha, Messias encontrou os dois irmãos à mesa tomando café, Emanuel ao lado e Vitória no colo da mãe, que carinhosamente afagava-os, como se querendo recuperar o tempo perdido. Dona Imaculada recebe-os com um sorriso. Nhá Benedita olhou para o afilhado, sorriu, abraçou-o e juntos foram sentar-se à mesa, Messias ao lado da mãe; sua madrinha, à frente da comadre.

Renascia ali a felicidade daquela humilde família...

O TRIÂNGULO DE ISCARIOTES

Conheceram-se no lançamento de um livro que ele acabara de publicar. Ela, um encanto: rosto redondo, olhos de menina sapeca, sorriso tímido, grávida do seu terceiro filho, casada... Levada àquele evento por uma amiga de ambos. Foi encantamento à primeira vista. Ele entregou-lhe um livro com a dedicatória: “À grávida mais encantadora dos últimos tempos”. Olharam-se por alguns segundos, que se tornaram eternos.

O tempo passou. Cada um seguiu normalmente a sua vida. Ela teve o bebê, um menino lindo, feito a mãe.

Quis o destino que os dois se encontrassem novamente. Dessa vez só ele e ela, que estava mais linda que no último encontro. Parecia um anjo!

Coincidência? Não!... obra do destino.

Daí por diante passaram a ser vistos sempre juntos. Certa vez ela apresentou-lhe o esposo. Ele evitava olhá-lo. Medo de trair-se. Receio de demonstrar que estava com ciúmes. O marido, mostrando simpatia, convidou-o a tomar um cafezinho qualquer dia desses em sua casa. Ele aceitou. Conversaram pouco. Despediram-se.

As reuniões entre os três passaram a ser frequentes e a cada encontro, o encantamento por ela aumentava. Aumentava, também, a afinidade para com seu rival, o esposo, o “intruso”.

Eram raros os encontros a sós. Até que um dia ele escreveu alguns versos e, sem que ninguém notasse, entregou a ela... Passaram a trocar poemas. Ele, mais comedido; ela, mais apaixonada...

Passaram a se encontrar às escondidas. Eram encontros pré-adolescentes, nos quais somente as mãos se tocavam. Era recíproco o respeito que um tinha para com outro... Era recíproca a atração entre ambos... Era iminente a “traição”...

A amizade entre ele e o marido dela começava a ser desenhada. Encontravam-se constantemente. Passavam horas a fio conversando sobre literatura, contando piadas, tomando cafezinhos. Ela sempre por perto, atenta a tudo que ele falava; atenta a tudo que ele fazia.

Os encontros entre ele e ela tornaram-se mais freqüentes, mais ousados, mais ardentes... Agora tocavam-se, abraçavam-se, beijavam-se, trocavam carícias. Tudo por conta de um beijo que ela roubara-lhe certa vez, quando adolescentemente conversavam.

Após os beijos, os abraços, os afagos, ele não mais tinha coragem de fitar os olhos do novo “amigo”, o rival, que, sem nada desconfiar, perguntava à esposa porque ele havia sumido. No entanto, ao fitar os dela, cada vez mais sentia-se encantado.

O inevitável aconteceu: num desses ardentes e adultos (ou seriam adúlteros?) encontros, eles não resistiram. Tocaram-se, abraçaram-se, beijaram-se, AMARAM-SE... Amaram-se sem

receios, com desejo, sem pudor, sedentos de amor.

Quando estavam juntos, em mais nada ele pensava, a não ser naquele inebriante momento. Porém, ao separarem-se, sua consciência doía e censurava-o, pois era muito bem acolhido pelo amigo sempre que se encontravam, e ele estava retribuindo esse acolhimento com um “tapa na cara”. Sentia-se um verdadeiro Iscariotes.

Bastava um novo encontro com a sua cúmplice, com a sua amada, com a sua paixão, para que tudo aquilo que sentia com relação ao amigo-rival caísse no esquecimento e reacendesse-lhe o desejo de tocá-la, abraçá-la, beijá-la, enfim, amá-la.

Os encontros passaram de esporádicos a diários; os beijos, de raros a constantes; a intimidade, de tímida a despuída; o relacionamento entre os três, de amistoso a perigoso; mas, ainda assim, desejavam-se, abraçavam-se, beijavam-se, amavam-se...

À proporção que a intimidade entre os dois intensificava-se, os poemas, de ambos os lados, fluíam. Até que um dia o “complexo de Iscariotes” apossou-se do coração dele e a razão passou a falar mais alto que a emoção. Que infelicidade!... Era o começo do fim.

Após uma inesquecível noite de amor ele disse-lhe que não mais estava suportando aquela situação. Disse-lhe que seria melhor para os três o fim daquele relacionamento. Ela nada contestou, apenas olhava-o como se querendo chamá-lo de “covarde”, e assim permaneceu por um bom tempo: olhando-o nos olhos e acariciando seu corpo com

as pontas dos dedos.

Sim!... Ele estava sendo covarde. Covarde para com eles dois, os amantes. Covarde para com o “amigo”, que sempre lhe depositara confiança.

Destemida mesmo foi ela, que, ao ser perguntada pelo esposo o que teria acontecido com amigo (da onça), explicou-lhe o motivo do desaparecimento do “traidor”. Contou-lhe tudo, detalhe por detalhe, sem temer as consequências.

O que realmente aconteceu naquele dia, naquela casa, não se sabe. Sabe-se apenas que o casal mudou-se da cidade; que ela levou, escondidos na sua bagagem, alguns poemas como prova viva daquele relacionamento que tanta felicidade lhe proporcionara, felicidade até então inabalável, “indestrutível”, inacabável... Sabe-se que ela, em seu coração, carrega a certeza de que, enquanto juntos estiveram, foi amada como nunca fora. Sabe-se, também, que a vida daquele escritor nunca mais foi a mesma desde que sua amada fosse embora, pois aquela avidez que sempre provocava-lhe embarços – dizem – desaparecera.

Ele nunca disse a ninguém o que por ela sentia, mas a distância cochicha-lhe aos ouvidos que o que sente é mais forte que o amor, é idolatria; que a angústia que sufoca seu peito é mais que saudade, é paixão; que o hiato entre o antes e o depois daquele primeiro encontro é muito mais que uma lacuna preenchida por momentos de prazer, é o início e o meio de uma história de amor ainda não definida.

SAUDADE

Se me perguntarem o que é saudade, não saberei responder. Mas se a pergunta for feita ao Aurélio Buarque, certamente ele responderá que saudade é “a lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las”, já o poeta Vivaldo Bernardes nos responderá da forma mais linda que há: em Poesia. Nos dirá ele que “saudade é a busca do Passado no Tempo e no Espaço, fazendo-o Presente, com arritmia”.

Algumas pessoas referem-se a ela como se fosse uma coisa simples, fácil de se tolerar, de se conviver. Outras, como se fosse uma coisa corriqueira, banal... Na verdade, nunca ouvi (ou li) nenhuma definição correta, clara, exata, convincente de saudade. Há, inclusive, quem diga que saudade é uma coisa muito complexa.

Saudade talvez seja o que estou sentindo agora (ou talvez não!): há dias venho sentindo um vazio no peito, um aperto, uma angústia indecifrável... São sintomas surgidos depois que um certo alguém muito especial foi embora, assim de repente... sem nada me dizer, sem ao menos um aperto de mão como despedida. Até hoje não entendi o porquê, ou melhor, entendi sim, mas prefiro dizer que não... E melhor, sofro menos, a dor é menor, o sentimento de decepção é

imperceptível aos olhos das outras pessoas.

Às vezes sinto-me um João-Ninguém; um pássaro sem asas solto numa imensa floresta, cheia de predadores; um moribundo zero à esquerda, perdido no vasto mundo da matemática; um marinheiro sem leme, sem bússola, sem bote salva-vidas, perdido em alto-mar, envolto num sentimento profundo, o qual não consigo decifrar. Às vezes percebo que tento esconder-me de tudo e de todos, buscando na solidão algo que preencha a lacuna deixada por aquele alguém.

Às vezes sinto-me cheio de mim, esquecido de mim, vazio de amor, perto do fim... Às vezes fraco, deprimido, sorumbático. Com vontade de evaporar, de sumir, de escafeder-me... Às vezes nem me sinto!...

Se me perguntarem o que é saudade, talvez eu diga que é isso que acabo de escrever...

TRINTA SEGUNDOS

Em nossas vidas, fatos inusitados acontecem, os quais, na maioria das vezes, provocam-nos situações de embaraço. Algum tempo atrás, um desses aconteceu comigo:

Em uma repartição pública, eu pacientemente esperava o elevador no andar térreo, pois precisava ir a uma seção que ficava no quarto andar. Depois de alguns minutos de espera, finalmente o elevador chegou, abriu a porta e eu entrei. Em seu interior não havia ninguém, apenas eu, que acabava de entrar, e um mau-cheiro insuportável de “gases tóxicos” – ou, se me permitir o leitor, um peido – que ali fora deixado preso por alguém que desconhece os problemas da camada de ozônio e que certamente necessita de cuidados médicos, pois, literalmente, está podre.

Tentei sair dali o mais rápido possível, porém a porta do elevador fechou-se antes que eu pudesse retornar. Mais nada pude fazer, a não ser prender a respiração e assim ficar até o meu destino final, torcendo para que o pior não acontecesse.

Aconteceu!... Repentinamente o elevador pára no segundo andar, abre a porta e a seguir entra um senhor engravatado, carregando na mão direita uma valise preta, daquelas que só os executivos transportam. Ao entrar, o moço fino, elegante, perfumado e de aparência séria, foi recepcionado por aquela ventosidade mau-cheirosa que buscava

encontrar ao menos uma fresta para poder sair dali e circular mais à vontade pelos corredores, até esvair-se. Com elegância, o moço tentou retornar, mas antes que pudesse fazer qualquer movimento, a porta fechou-se. Disfarçadamente cruzou os braços na tentativa de tapar as narinas enquanto olhava-me com olhar fulminante.

Entreolhávamos desconfiados, eu sentindo queimarem-me as faces de tanta vergonha, sem ao menos poder defender-me da acusação que os olhos daquele moço lançavam-me, pois, como costumam dizer por aí, “a emenda ficaria pior que o soneto”; ele, como se estivesse querendo mandar-me procurar um líder espiritual para cuidar da minha alma - ou quem sabe encomendá-la? -, pois, tomando por base a fedentina que circulava entre aquelas quatro paredes, o corpo já deveria estar podre, quase a se decompor, em putrefação...

E assim ficamos - eu torcendo para chegar logo ao meu destino e ele, olhando-me de soslaio, pensando só Deus sabe o quê sobre mim- por quase trinta segundos, que para ambos parecia uma eternidade.

O HOMEM DO CHAPÉU PRETO

Tarde de sol. Calor intenso, mas a multidão não arreda o pé. Todos se espremem querendo vê-lo pela última vez. Uns choram, outros permanecem em silêncio, retraídos, como se estivessem com vergonha de chorar.

De longe o observo em seu sono derradeiro, sereno. Enquanto olho-o inerte naquele caixão, meus pensamentos retrocedem como se fossem um vídeo cassete que, em poucos segundos, rebobina um longa-metragem.

Volto ao passado, há aproximadamente vinte anos, quando conheci aquele homem com um velho chapéu preto, sem abas, enterrado até as orelhas. Na ocasião fiz-lhe uma proposta. Propus a ele que se jogasse fora aquele chapéu, eu compraria um outro novo. Desconfiado, imediatamente fez-me uma contra-proposta: assim que ele ganhasse o chapéu novo, jogaria fora o velho... Concordei.

Tinha pouco mais de sessenta anos e aproximadamente 1,50m de altura, porém de um vigor físico invejável. Era um analfabeto filho da roça, mas tinha a sabedoria de um Mestre. Enganavam-se aqueles que tentavam “passar-lhe a perna”. Era bondoso, astucioso, moleque... Desde moço gostava de pregar peças nos outros, principalmente nas crianças que desobedeciam aos pais, tios, avós...

Contavam que ele costumava sujar o rosto com carvão ou pó de café e vestia-se com uma roupa velha. Jogava às costas um velho saco de estopa cheio de coisas quaisquer; entrava em casa pela porta dos fundos e, fingindo ser um doido, dizia estar à procura de crianças desobedientes para comê-las assadas. Dizia que dentro daquele saco que carregava às costas trazia as cabeças das que havia comido naquele dia.

Amedrontadas, as crianças corriam e se escondiam. Algumas embaixo da cama; outras, atrás das próprias mães. Às vezes embrenhavam-se mato adentro ou urinavam-se de medo. Tudo isso ele fazia com a conivência dos pais, e muitas dessas crianças eram seus próprios filhos, sobrinhos, afilhados e netos.

Além do lado moleque, tinha também o lado homem-responsável, trabalhador, bom filho, bom irmão, bom amigo, bom marido, bom pai...

Nele encontrei o pai que não tive, o amigo que sempre desejei, o sogro que muitos buscam encontrar... Nas suas palavras mal pronunciadas reencontrei a confiança nos homens, a essência poética do falar caipira, a sensibilidade e a simplicidade do homem da roça.

Quando retornei da viagem que fiz ao passado através dos meus pensamentos, percebi que uma lágrima solitária escorria-me rosto abaixo. Enxuguei-a com as costas da mão... Suspirei fundo e ao olhar à minha volta, notei que a multidão já não mais estava ali, pois acompanhava o caixão que havia sido retirado dos cavaletes pelos filhos e

amigos sem que eu nada percebesse. Senti u'a mão levemente tocar meu ombro esquerdo. Era minha irmã chamando-me para acompanhar o cortejo. De braços dados com ela, segui a multidão.

Enquanto todos se aproximavam do local onde seria sepultado, para prestar-lhe a última homenagem, preferi ficar só, e à distância fiquei observando aqueles homens descerem lentamente o caixão com o corpo do pequeno grande-homem.

Inconsolavelmente chorei quando percebi que aquela seria a última vez que estaria vendo meu sogro, O HOMEM DO CHAPÉU PRETO; o homem por quem aprendi a ter respeito e admiração; o homem do sorriso sem dentes, porém tão puro e sincero quanto o de uma criança. Mas carrego no coração a certeza que hei de reencontrá-lo num mundo melhor que este em que vivemos, o mundo que ele sempre desejou que tivéssemos em vida: um mundo de esperança, de paz, de amor...

O BEIJO

Naquela manhã eu estava sorumbático, de mal com a vida, com o mundo e comigo mesmo. Sentia-me o pior dos seres, a mais desprezível das criaturas.

Cabisbaixo eu caminhava pela calçada, quando de repente um rapaz segurou fortemente meus braços e beijou-me a face. Foi um beijo demorado, afetuoso, sincero, úmido... Enquanto ele beijava-me, eu permanecia inerte e à minha mente vinha o ósculo de Judas em Jesus.

Desesperadamente uma moça, puxando-o pelo braço, ordenava-o que me deixasse em paz. Foi quando percebi que estava em frente a uma escola para Portadores de Necessidades Educacionais Especiais e que aquele amável beijoqueiro era um portador da Síndrome de Down. Disse, então, àquela moça que não se preocupasse, pois o que fazia o rapaz não me tiraria pedaço algum, tampouco me incomodava.

Ao largar-me, presenteou-me com um sorriso desdentado, porém tão sincero quanto o beijo que acabara de dar-me, tão meigo quanto o seu olhar, tão puro quanto ele próprio.

Novamente fiquei inerte e, à distância, observava aquele rapaz que, na companhia de outros jovens com a mesma síndrome, fazia sua caminhada matinal seguido por algumas monitoras. À medida que se distanciava, observei que o jovem

alegremente cumprimentava todos que passavam por ele, no entanto, ninguém mais ele beijou. Senti-me, então, lisonjeado e aquele sentimento de desprezo para comigo mesmo começava a esvair-se de mim.

Durante o restante do dia não pensava noutra coisa, senão naquele beijo. Não era um beijo qualquer, mas um beijo com a força de nos fazer superar os problemas que, às vezes, nós mesmos criamos; um beijo que mudaria (e para melhor) o meu dia, o meu estado de espírito, a maneira de tratar as pessoas à minha volta.

O gesto daquele jovem me fez parar para refletir e perceber o quanto um beijo pode nos fazer tão bem, mesmo que ele seja dado por um desconhecido, por uma pessoa do mesmo sexo.

Aquele rapaz, que aparentemente tinha pouco a nos oferecer, carregava em seus ombros mais problemas que muitos de nós, ditos “normais”, devido à rejeição e ao preconceito impostos pela sociedade, mas mesmo assim mostrava-se feliz e capaz de doar a um estranho o que possuía de mais valioso: o amor ao próximo, o qual revelou-se por meio daquele beijo afetuoso, sincero, úmido...

FESTA NO CÉU

No céu de Tobias Barreto, uma multidão se aglomerava procurando melhores lugares, pois era esperada para aquele dia a chegada de um ilustre conhecido de todos: um pequeno grande-homem, franzino e de aparência frágil devido aos seus 93 anos e alguns meses, porém tão forte quanto uma rocha, tão teimoso quanto uma mula quando empaca.

Parentes, amigos, admiradores e curiosos, todos cheios de ansiedade, espremiavam-se na expectativa de rever aquela pessoa muito querida, muito amada, muito dada... Uma pessoa que costumava doar todo o seu tempo aos mais necessitados. Uma pessoa que jamais dizia não àqueles que o procuravam. Uma pessoa que, por onde passou, deixou rastros de companheirismo, de amizade, de solidariedade e, acima de tudo, de honestidade.

Em meio àquela multidão, destacavam-se o ranzinza Livá que, com a inseparável bengala, esbravejava, maldizendo-se de tudo, de todos, do tumulto; a impaciente velha Beata que, com o neto Edgar no colo, xingava a desorganização daquela festiva recepção, a qual estava sob a responsabilidade dos poucos querubins que para lá foram enviados com o fim de bem recepcionarem o recém-chegado; a simpática “Mecê” que, com o

tradicional tabuleiro de doces na cabeça, espremia-se para rever o velho amigo, e dona Estefânia, sua primeira esposa, que pacientemente aguardava-o, ao lado da filha Maria, para dar-lhe as boas-vindas.

O tempo passava, a multidão aumentava e os ânimos de alguns dos presentes se alteravam com tanta demora, mas a vontade de rever aquele que tanto ajudou, sem nada pedir em troca, às pessoas que o procuravam era maior que o desconforto por que passavam.

A espera foi longa e angustiante, mas finalmente chegou o momento tão esperado... Ao avistá-lo, a multidão gritava em coro o nome de Janjão, que, com o chapéu enterrado até as orelhas e montado no lombo do seu velho jegue Brioso, companheiro de muitos anos de trabalho, acenava com a mão esquerda, enquanto algumas pessoas tentavam tocá-lo... Era 16 de agosto de 1989, e essa data ficou registrada nos anais do céu daquela pacata cidade do interior de Sergipe como o dia do “Jubileu do SEU JANJÃO”.

DE ATLETA E LOUCO TODO MUNDO TEM UM POUCO

(Inspirado nas histórias do velho amigo VAVADO)

Diz a lenda que o primeiro atleta surgiu na Grécia antiga, lá pelos idos de 490 a.C, quando um soldado foi enviado pelo seu general a Atenas para noticiar a vitória sobre os persas na batalha de Maratona. O valente soldado percorreu a pé os mais de 42 mil metros entre as duas cidades. Após cumprir a missão, faleceu.

De lá para cá, inúmeros personagens destacaram-se no atletismo mundial. Inúmeros, também, foram os atletas anônimos que se entregaram ao ofício nesse mesmo período, dentre eles o protagonista deste texto. Seu nome é o que menos importa nesse momento, mas sim, as suas aventuras e peripécias no cenário esportivo nacional, que vêm chamando a atenção dos amantes do esporte.

Praticante apaixonado dos esportes radicais (tais como Motociclismo e Vôo Livre) e do atletismo, ele está sempre buscando novidades que possam melhorar sua performance atlética. Certa vez um amigo disse-lhe que nada há de mais saudável e confortável que praticar *cooper* sem cueca. E assim ele fez: resolveu experimentar a novidade.

Lá pelas tantas, quando confortavelmente praticava seu *cooper* vespertino, sentiu uma coceirinha nos “países baixos”. Não querendo

causar má impressão aos que por ele passavam, resolveu coçar-se enquanto corria. De maneira discreta levou a mão direita ao local da coceira e começou a friccionar o escroto com apenas três dos dedos (o polegar, o indicador e o médio). De repente aquela sensação agradável da coçada dá lugar a uma insuportável dor. O atleta não conseguiu sincronizar, enquanto corria, as suas longas passadas com as fricções e, sem querer, apertou fortemente um dos testículos. Contorcendo-se em dores, suave fria...

As pessoas que por ele passavam não entendiam o porquê das caretas e dos trejeitos daquele atleta que, de forma estranha, pulava, girava e contorcia-se, sem soltar um gemido sequer. Algumas, inclusive, pensavam ser aquele homem apenas mais um novo atleta que, com o seu estilo próprio de alongamento, por ali se exercitava.

Passados o sofrimento e a sessão de contorcionismos, o atleta conseguiu concluir o percurso por ele escolhido. Felizmente não teve o mesmo destino daquele soldado ateniense e chegou em casa de “*cooper* feito”, porém com um dos países baixos ainda latejando.

TERRA-BRASILIS

Tarde movimentada. O entra e sai de ternos e gravatas chama a atenção da imprensa... Carros luxuosos param em frente à porta da sede da Presidência, pessoas engravatadas descem e, rodeadas de seguranças, entram no Palácio do Governo, onde o presidente de Terra-Brasilis os aguarda para mais uma reunião de cúpula.

A equipe econômica fora convocada às pressas, pois há a necessidade de se criar um novo Pacote Econômico. Há a necessidade de se arrecadar mais dinheiro, pois o Tio Sam encontra-se em apuros, com dificuldades financeiras, necessitando de alguns trocados; algo estimado em bilhões de dólares.

Vários foram os motivos que levaram o “flagelado” país de Tio Sam à quase-falência: o vício de um dos seus sobrinhos, que por pouco acabava com o estoque de charutos (principal fonte de “renda íntima” das suas secretárias); a inexperiência de alguns pilotos estrangeiros, que por falta de atenção chocaram seus aviões contra um dos mais importantes centros econômicos do país, causando um enorme prejuízo àquele povo, filhos do flagelo, e, recentemente, a atitude impensada de outro dos seus “ilustres” sobrinhos,

Busho Filho, que, após forjar provas contra um reles militar que gostava de dar aulas de “Ditado” em Diaraque, país abastado e de renda *per capita* “acima dos padrões”, juntou-se a um amigo bretão e praticou “inocentes” atos de vandalismo contra o patrimônio público-social daquele ditador, melhor dizendo, daquele Professor, injustamente acusado de distribuir “bombas de reprovação em massa” entre seus alunos e de fornecer brevês àqueles pilotos que levaram o principal centro econômico de Tio Sam ao buraco, literalmente falando.

Ao descobrir o que fizera o sobrinho, Tio Sam, já endividado por conta dos problemas anteriores, resolveu pedir ajuda ao presidente de Terra-Brasilis que, sensibilizado, não hesitou em ajudá-lo. Convocou toda a cúpula econômica e pediu uma solução imediata, pois o caso era de extrema urgência.

Inúmeras proposta foram apresentadas até se chegar à de dar continuidade aos projetos do presidente antecessor, o Sr. Efeagacê Garboso, que não tivera tempo de aprová-los devido às viagens de “negócios da China-para-inglês-ver” que fora obrigado a fazer pelos quatro cantos do mundo.

Discutem daqui, negociam dali e finalmente chegam a um consenso: colocar em prática as Reformas Tributária e Previdenciária, as quais, somadas ao arrocho salarial dos trabalhadores terra-brasilinos e ao "corte" nos gastos públicos, seriam fontes de arrecadação, a curto e longo prazo, em prol do “Fundo de Ajuda Permanente ao Tio Sam”. Visando minimizar os problemas de saúde do velho

Sam, foi reapresentada a proposta de doação da “improdutiva” Floresta Amazônica, para que ele de lá extraia ervas e raízes medicinais que possam curar-lhe as freqüentes dores de cabeça provocadas por seus inconseqüentes sobrinhos.

Após horas reunidos, finalmente o presidente de Terra-Brasilis, o Sr. Genérico Diefegá Silva, e sua equipe econômica resolveram aprovar o texto das Reformas e encaminhá-lo à Câmara dos Rabos-Presos para votação e em seguida ao Senado Fuleiral, para que lá fosse dado o “veredito final” com a devida urgência que o caso requer, pois o pessoal do FMI (Fabricante de Mendigos Internacionais), representante legal do Tio Sam, aguarda uma resposta, de preferência positiva.

“Fuleiros” e “Rabos-Presos”, contrários à forma como foram redigidos alguns artigos das Reformas, manifestaram-se e tentaram resistir à aprovação, mas, em respeito à democracia “manda-quem-pode-obedece-quem-tem-juízo”, terminaram assinando, pois foram “convencidos” pelos argumentos da maioria de que o que é bom para o Tio Sam, com certeza será melhor ainda para a família circense de Terra-Brasilis, que em nada pode opinar por se tratar de “meros figurantes”, porém coadjuvantes de peso no *Gran Circo Eleitoral*.

A proposta de doação da Floresta Amazônica, há muito em tramitação, ainda não foi aprovada devido a outras ainda mais importantes, mas os filantropos do Congresso concederam (em

caráter emergencial e por tempo indeterminado) a Tio Sam o direito de entrar e sair de lá a hora que quiser, e de levar ao seu país o que bem precisar, sem a necessidade de passar pela alfândega ou de apresentar autorização, podendo, inclusive, utilizar-se da mão-de-obra gratuita dos simpáticos terra-brasilinos.

DOCE MONOTONIA

Cinco horas da manhã...

No melhor do sono, o “triiiiiiim” insuportável do despertador em meus ouvidos acorda-me e obriga-me a levantar-me.

Às pressas escovo os dentes, troco-me e tomo um cafezinho preto, pois o ônibus passa em minha parada às seis horas em ponto, e às sete tenho que estar no trabalho.

Abro a geladeira e pego a famosa marmitta (por alguns apelidada de FM) preparada na noite anterior e coloco-a dentro da mochila. Saio correndo para a parada, que fica a poucos metros da minha casa... Por pouco não perdia o ônibus... se isso acontecesse, o próximo só dali a trinta minutos.

Após uma hora e meia na estrada, chego, enfim, ao trabalho com trinta minutos de atraso, pois, para variar, um prego no asfalto furou o pneu dianteiro esquerdo do ônibus.

Antes que o chefe perceba meu atraso, troco de roupa, pego as ferramentas de trabalho (rodo, vassoura, balde e pano de chão) e começo a labuta. São quatro horas ininterruptas de faxina até o momento mais esperado do dia: a hora do almoço.

Dirijo-me ao refeitório, abro a estufa e retiro o meu FM. Sento-me no único lugar disponível: um velho e empoeirado tamborete

esquecido no canto da sala...

O cardápio de hoje é o mesmo de ontem e, provavelmente, o de amanhã: arroz, feijão e ovo frito, mas sou muito grato a Deus por isso, pois, ao contrário de muitos, tenho o que comer.

Depois de um longo e cansativo dia de labor, recolho meus pertences (a mochila e a marmita vazia) e, antes de enfrentar outra árdua tarefa: atravessar as pistas em direção à parada de ônibus, enfrento dez minutos de espera na fila até chegar minha vez de bater o ponto.

Novamente saio correndo - dessa vez com destino à minha casa -, pois se perder o “buzão” das dezoito e trinta, outro só depois de uma hora, e olhe lá!... O trânsito movimentado impede-me de chegar ao outro lado da pista, onde fica a parada.

A cena se repete: o ônibus chega, pára, recolhe os passageiros... e eu, “preso” do outro lado, nada posso fazer a não ser acenar para o motorista que nem me percebe e arranca antes que todos subam. Se tivesse chegado uns trinta segundos antes, não teria perdido a condução. Sou obrigado a esperar por mais de uma hora o próximo GOLF (grande ônibus lotado e fedido).

O tempo vai passando, o povo vem chegando, a impaciência apossando-se de algumas pessoas, inclusive de mim... A essa altura, a parada está superlotada, mas não tanto quanto o ônibus que acabara de chegar. Um tumulto generalizado forma-se na porta do veículo... Ufa!... que sufoco!.. Empurra daqui, espreme-se dali e finalmente consigo entrar, ou melhor, colocam-me lá dentro.

O interior do velho Mercedes estava tão lotado que mal dava para se coçar. Caso sentisse uma coceira no tornozelo e fosse preciso levantar o pé para coçá-lo, nessa posição ficaria até que outro pé se levantasse com o mesmo objetivo.

Enfim, o lar-doce-lar...

Exausto, retiro da mochila a marmitta e coloco-a na pia para que seja levada e reabastecida para o dia seguinte. Apanho a toalha e sigo para o banheiro a fim de um delicioso banho, mas, como sempre, não tem água no chuveiro. Quando isso acontece, geralmente só retorna após a meia noite. Resolvo, então, jantar enquanto assisto aos programas sem cultura que a TV me oferece.

O cansaço é grande, o sono chega, mas a falta do banho não me deixa dormir. Horas depois, após alguns cochilos no velho sofá, a água chega ao chuveiro e finalmente consigo banhar-me. Já passa da meia noite e meia. Deito-me e logo adormeço.

Cinco horas da manhã... o “triiiiiiim” insuportável do despertador em meus ouvidos acorda-me...

DESENCONTROS DO DESTINO

Esta é a história de dois irmãos de uma família de nove filhos. Os dois únicos, dentre os cinco homens, a prestarem serviço militar obrigatório, ambos no Exército Brasileiro.

O primeiro quase foi expulso da corporação por questões disciplinares. Quase sempre ficava detido, sem poder sair do quartel. Quando recebia permissão para passar o final de semana em casa, “esquecia-se” de retornar e novamente ficava detido. As detenções era uma rotina na vida daquele praça que se recusava a receber ordens.

Finda o período do serviço militar obrigatório e o soldado, finalmente, dá o seu “grito de liberdade”. A peleja agora era por um lugar ao sol. Pouco estudo tinha e a dificuldade para encontrar um bom emprego era grande, mas quis o destino que ele ingressasse na Polícia Civil como motorista.

O segundo foi motivo de orgulho para a mãe, pois saíra da corporação com todas as honrarias que um soldado poderia ter, recebendo, inclusive, diploma de “Menção Honrosa” pelos bons serviços prestados à Pátria. Ao sair do exército, também com pouco estudo, imediatamente ingressou na Polícia Militar.

Parentes e amigos temiam que o primeiro fosse expulso da Polícia Civil, pois continuava sem

querer receber ordens. Ninguém apostava um vintém na sua permanência na polícia por muitos anos. O tempo foi passando, as promoções chegando e aqueles que não acreditavam em seu amadurecimento e., conseqüentemente, na sua mudança de comportamento ficaram boquiabertos quando tomaram conhecimento do que acontecera entre ele e um cidadão comum:

Certa vez, quando estava de plantão, fora chamado para uma diligência. Era tarde da noite e o proprietário de um bar queria encerrar o expediente, mas o único freguês que ainda permanecia no local, já embriagado, recusava-se a sair. O agente convidou-o a se retirar, aconselhando-o a procurar outro estabelecimento, pois àquela hora havia muitos outros ainda abertos. O bebedor se negou a sair, dizendo que estava pagando e por isso tinha o direito de lá permanecer o tempo que fosse necessário. Pacientemente o policial insistia para que ele procurasse outro lugar onde pudesse afogar as mágoas, pois o proprietário daquele estabelecimento precisava descansar. O homem, sob o efeito das várias doses de aguardente que havia tomado, começou a ofendê-lo verbalmente e a dizer que não havia “macho” que o tirasse de lá. Rubro de ira, mas demonstrando a calma de antes, o policial colocou a mão no ombro do exaltado cidadão e, mais uma vez, convidou-o a se retirar. O inconveniente freguês empurrou o agente e, não se dando por satisfeito, cuspiu no rosto do “tira” que, aparentemente calmo, tirou do bolso um lenço e limpou a face cuspidada... olhou-o

enfurecido e, numa atitude inesperada, saiu do recinto. Dirigiu-se à viatura e pediu ao colega, que lá o aguardava, que fosse buscar o bêbado, pois se ele voltasse ao interior do bar, não se responsabilizaria pelos seus atos.

O segundo, com pouco tempo na Polícia Militar, já respondia a um processo administrativo por agressão física a um conscrito do exército, o qual ofendera-lhe verbalmente ao ser convidado a se retirar do ônibus em que, junto com outros recrutas, fazia baderna.

O tempo foi passando e o PM firmando-se como um policial temido pelos delinquentes da redondeza, pois ele não dava trégua aos fora-da-lei. “Bandido é bandido e deve ser tratado como tal” - afirmava toda vez que era repreendido por algum parente ou amigo, devido ao tratamento que dava às pessoas presas por ele em flagrante de delito. Fossem maiores ou menores de idade, levavam “tabefes”.

Ao contrário do irmão que levava uma cusparada na cara, ele não era de levar desaforos para casa. Certa vez, em um bar próximo à sua casa, encontrou-se com um velho “amigo”, agente da polícia civil, que já estava embriagado. Lá pelas tantas, não se sabe por qual motivo, o suposto amigo resolve dar um tapa no seu rosto. Calmamente, reconhecendo o seu estado de embriaguez, pede ao outro que não repita aquele gesto, pois “homem que é homem não apanha na cara”. Caso repetisse, ele não se responsabilizaria pela reação que provavelmente teria. O bebedor

responde que ele nada faria, pois eram quase irmãos e esbofeteia levemente a outra face do amigo, que revida com um soco. O policial civil cai já de arma em punho e, sem hesitar, dispara contra o companheiro que não tem tempo de se proteger. O agressor foge, deixando para trás seu ex-amigo estendido no chão, indefeso, à espera de ajuda. O projétil não o matou, mas deixou-o dependente de duas muletas, que há alguns anos tornaram-se suas companheiras inseparáveis.

O primeiro aposentou-se por tempo de serviço, com todas regalias a que tinha direito. O segundo foi reformado devido à impossibilidade de continuar na ativa.

Apesar dos desencontros promovidos pelo destino e do temperamento distinto de ambos, os dois irmãos fizeram muita coisa em comum: casaram-se, tornaram-se pais de três filhos, separaram-se... Após as separações, o primeiro mudou-se para uma pacata cidade de Minas Gerais; o segundo retornou à sua cidade natal, no interior de Sergipe. Em seus novos domicílios, casaram-se pela segunda vez e, ao lado das respectivas esposas, vivem felizes... Espera-se que para sempre.

A FILHA DO AVÔ

Ela nasceu nove meses após o incesto. Sua mãe tinha quatorze anos e três meses quando foi molestada pelo próprio pai, que, sabendo da gravidez da filha, tentou convencê-la a abortar.

A mãe da garota, temendo represálias, pois o marido era um homem violento, e tentando resguardar a família de um escândalo generalizado, também era a favor do aborto. Alegava que tirando o feto ainda pequeno, não estaria cometendo crime algum, pois ainda não era gente. A garota recusou-se a abortar. Ela não temia a justiça do homem, mas sim a de Deus, já que estaria cometendo um pecado bem maior que o primeiro, quando permitiu que o pai a possuísse: estaria tirando a vida de um pequeno ser, indefeso e inocente.

Ao saber do ocorrido, parentes da garota, contrariando os apelos da mãe da adolescente, denunciaram o pedófilo à polícia. O homem foi preso, mas, antes que fosse a julgamento, “convenceu” a esposa a retirar a queixa. Disse-lhe que se ela atendesse ao seu pedido, ele as deixaria em paz (ela e a filha) mudando-se para outra cidade. Caso a denúncia contra ele não fosse retirada e ele fosse condenado, quando ganhasse a liberdade, daria cabo das duas. A queixa foi retirada e ele cumpriu o prometido: mudou-se para

outra cidade sem ao menos se despedir. Dele não se teve mais notícias.

Meses mais tarde ela, a filha do avô, nascia: linda, robusta, cheia de saúde. A mãe teve complicações na hora do parto (eclâmpsia) e não resistiu. Tinha apenas quinze anos a pobre moça. A bastarda foi criada pela avó e cresceu sem conhecer o pai. Diziam que ele morrera logo após o óbito da mãe.

Aos treze anos e meio era uma das mais belas garotas do colégio, da rua, da cidade... Por onde passava, não tinha quem não a olhasse, quem não a cortejasse, quem não a desejasse, apesar da pouca idade. Era inteligente e muito dedicada aos estudos; atenciosa para com todos; meiga e carinhosa para com os amigos. Um anjo, segundo os que a conheciam, porém indiferente para com a avó.

Era grande o número de garotos que batiam à sua porta querendo cortejá-la; eram constantes os “foras” que costumava dar nos pretendentes, pois nenhum lhe chamava a atenção por serem muito jovens. Carregava dentro de si um grande segredo: a atração por homens bem mais velhos que ela.

Certa vez fora flagrada, após a aula, aos beijos com o professor de Educação Física. Por se tratar de reincidência, ambos foram punidos: o professor fora transferido para outra escola; ela recebeu suspensão por uma semana. A avó-mãe, envergonhada, solicitou a transferência da menina e mudou-se para outra cidade.

Chegando ao novo domicílio, a rotina de assédios e cortejos reiniciou-se, pois eram irresistíveis a beleza e a simpatia da moçoila. Também continuavam constantes suas esquivas.

O tempo foi passando e ela ficando mais encorpada, mais encantadora, mais sensual... Tinha já quinze anos, idade da mãe quando lhe dera à luz. A essa altura, a avó não mais tinha domínio sobre a neta, que saía todas as tardes e só retornava à noite, sempre com a mesma desculpa: ir à casa de uma amiga para fazer trabalhos da escola.

Numa dessas saídas, a menina ligou para a avó dizendo que iria dormir na casa da amiga, pois já estava tarde e ela precisava terminar o trabalho ainda naquela noite, o qual deveria ser entregue no dia seguinte. Muito a contra-gosto a avó permitiu que ela ficasse por lá somente aquela noite.

No dia seguinte, a garota retorna a sua casa e, sem nada falar com a avó, dirige-se ao seu quarto. Preocupada, a avó vai atrás da menina e percebe que, debruçada sobre a cama, a menina chora. Pergunta-lhe o que aconteceu, qual o motivo do choro, o que fizeram com ela. Em soluções, a menina conta à avó que acordou no meio da noite com o pai da sua amiga tirando-lhe a roupa. Tentou gritar, mas o homem tapara-lhe a boca e fez-lhe ameaças, o que a fez não mais resistir e entregar-se àquele homem, com idade de ser pai, ou quem sabe seu avô. Tentando consolá-la, a avó afaga-lhe a cabeça e pergunta o nome do homem. A menina diz o nome do moço à avó, diz ainda que nada devem fazer, pois ele é uma pessoa muito perigosa. Trata-

se de um contraventor, banqueiro do jogo do bicho, o qual, inclusive, já foi preso, acusado de ter molestado a própria filha alguns anos atrás, lá na cidade onde moravam.

Ao ouvir o relato da menina, a avó quase desmaia. À sua mente veio o filme do seu passado: as angústias ocasionadas pela gravidez da filha, provocada pelo próprio pai; a prisão do marido e suas ameaças; o nascimento da neta e, conseqüentemente, a morte da filha. Era a mesma pessoa, o mesmo homem, o mesmo pecado, o mesmo crime. Novamente o pai molesta a filha, dessa vez sem saber quem era ela, mas não deixava de ser um crime inafiançável, inaceitável, imperdoável...

Ela, a avó, pensou em fazer justiça com as próprias mãos, mas lembrou-se a tempo de que se desse cabo daquele “animal”, ela seria presa e sua menina ficaria só no mundo. Resolveu, então, na companhia da neta, denunciá-lo à polícia. O homem foi preso, julgado e condenado.

A avó e sua menina, temendo o pior quando da saída daquele homem da prisão, mudaram-se de cidade mais uma vez. A avó, levando a certeza de que a justiça foi feita; a neta, levando no ventre mais um filho do avô.

O MENSAGEIRO DE DEUS NA TERRA DO SOL

Em algum lugar do sertão nordestino o sol castiga a terra e todo ser que há sobre ela. Os urubus devoram a carcaça de um boi morto pela seca enquanto Zé Onofre, no lombo do seu velho jegue, carrega no colo um caixão de “anjinho” para seu recém-nascido, vítima da subnutrição.

A falta de chuva há muito consome vidas naquele pequeno povoado. O açude mais próximo do lugarejo fica a uma légua e meia; as pernas fracas e cansadas do povo já não mais têm ânimo de ir em busca da água barrenta que resta no poço; o rio que cortava o sítio de Zé Onofre quando da sua infância, hoje é só uma enorme vala de chão trincado em que a meninada costuma brincar. As poucas cabeças de gado que restam ao Zé Onofre - apenas sete- são só o couro e osso, pois pasto naquela região não há faz tempo, somente uma plantação aqui outra ali de palmas. Água por aquelas bandas só de quinze em quinze dias, quando a prefeitura do município manda o carro-pipa para abastecer o povoado. Alimento, quando tem, só uma vez por dia, pois o dinheiro ganho na “frente de trabalho” é curto e as plantações de feijão e milho de Onofre e dos seus vizinhos perderam-se quase todas por falta de irrigação...

Zé Onofre chega em casa -uma pequena tapera feita de adobe e coberta de palhas- com o caixão. Os vizinhos já tinham levado o padre para

batizar o “anjinho”, pois, segundo a crença deles, não se deve enterrar pagãos. Os cinco filhos de “seu Onofre” e dona Josefina, todos ainda crianças, brincam na sala de terra batida enquanto o corpo do irmãozinho caçula é velado.

A noite chega e Zé Onofre, cansado da viagem que fizera à cidade para comprar o caixão do filho, deita-se na rede para descansar o corpo... Preocupado com o destino da família, não consegue dormir. O filho que sepultara no fim da tarde foi o terceiro da prole num curto espaço de dois anos e meio. Uma lágrima escorre-lhe pela face. De longe, dona Josefina observa a tristeza do marido. Aproxima-se dele e enxuga-lhe a lágrima dizendo:

- Chora não, “home”, você fez o que pôde!... Foi Deus quem quis assim!...

- Eu sei, Zefa, mas me parte o coração chegar em casa e ver que você e os nossos filhos não têm o que comer. Hoje enterramos nosso caçula, o terceiro abatido pela fome. E amanhã, qual deles enterraremos? – pergunta apontando para as crianças que dormem amontoadas numa esteira.

- Amanhã não enterraremos ninguém!... As coisas vão melhorar, tenha fé.

- Fé em quê, minha filha, nessa terra esquecida por Deus?... A frente de trabalho está quase acabando... E depois, o que será de nós?... O dinheiro que recebemos é pouco, mas é com esse pouco que compro o “de comer” dos meninos. Sem trabalho, sem dinheiro, sem chuva, como sobreviver?... Da fé?!...

- Calma, “home”, calma!... Dá-se um jeito!...

- Que jeito?... Nem do nosso gado podemos esperar algo, pois estão só a carcaça! Não sei como ainda estão de pé!... A única saída que vejo é seguir o mesmo destino dos nossos contrerrôneos, que não agüentaram a pressão da miséria e foram para a cidade grande em busca de uma vida melhor, longe dessa “caldeira do Diabo”. Se existe o inferno, aqui é a cozinha dele!...

- Fazer o mesmo que os nossos contrerrôneos que deixaram para trás “viúvas de maridos vivos” e seus filhos?! – indagou Josefina.

- É a solução que vejo!... Irei na frente, depois mando buscar você e os meninos.

- Se você for, será igual aos outros: não retornará, tenho certeza.

- Como não?!. Vocês são tudo que tenho!...

- Eu sei que não retornará. Foi assim com todos que se aventuraram na cidade grande – insistiu dona Josefina. Se com você aqui, suando para sustentar nossos filhos, já está difícil, imagine você lá pr’aquelas bandas!... De que iremos sobreviver, eu e os “bacurinhos”, sem você por perto? Não sinhô, você não vai a lugar algum!... Tenha fé, Deus proverá!... Além do mais, família que sofre unida, morre unida!...- ironizou Josefina afagando-lhe os cabelos.

- Mas não vejo outra saída, minha nêga, não vejo!...

Enquanto conversavam, não perceberam que Zezinho, o filho mais velho, os observava.

Na manhã seguinte, Onofre levanta-se bem cedo e segue para a frente de trabalho. Dona Josefina está na cozinha preparando o jerrimum para o desjejum dos meninos quando é abordada por Zezinho:

- Mãe, o “anjinho” me visitou ontem à noite e me pediu para não deixar o pai ir embora, pois para o mês vai chover... Ele disse para o pai plantar milho, feijão e aipim que chuva vem de “montão”.

- Ora, Zezinho, você tá variando!... Deve de ter sido o sol quente de ontem à tarde lá no cemitério... Bem que eu avisei para você ficar em casa!...

- Tô variando não, mãe, tô variando não!...

- Como não?... Você mesmo testemunhou o sepultamento do seu irmãozinho!... Então, como é que ele haveria de lhe visitar ontem à noite, meu filho, como?

- Deus que mandou ele aqui, oras! – respondeu dando com os ombros -. Ele disse que só poderia entrar no céu depois que nos desse o recado... Disse isso e foi-se embora, flutuando numa nuvem branca como se estivesse sendo puxado por um feixe de luz.

- Você conhece o seu pai: cabeça dura como ele é, não vai nem dar ouvidos! – retrucou a mãe.

- Mas precisamos convencê-lo, mãe!... O lugar dele é aqui, perto da gente. – insistia o menino.

Nesse exato momento, entra “seu Onofre” com a velha enxada sobre os ombros e pergunta:

- Me convencer de quê, gente?

- Oxente, home!... o que faz aqui a essa hora?... Não deveria estar trabalhando?

- Isso mesmo: deveria, mas... infelizmente não tem mais nada para se fazer na frente de trabalho e fomos todos dispensados, por isso estou em casa mais cedo... Voltando ao início da conversa, de que vocês precisam me convencer? – indagou Onofre.

- É o Zezinho!...

- O que tem o Zezinho?... Tá doente? – perguntou colocando a mão direita na testa do menino, verificando se estaria ele com febre.

- Não!... – respondeu Josefina. Ele num tá doente não, mas parece que acordou variado e taí com uma conversa esquisita!...

- Que conversa? – perguntou.

- Fala pro seu pai, Zezinho, fala!...

- Quando o sinhô chegou, eu tava falando prá mãe que o “anjinho” me visitou ontem à noite... e ele me pediu prá não deixar o sinhô ir embora, pois para o mês vai chover – falou Zezinho.

- É, Zezinho, sua mãe tem razão: você tá variando sim!... Sabe quanto tempo faz que não cai uma gota d’água nessa terrinha “disgramenta”, esquecida por Deus? Nem eu me lembro mais!... – desdenhou “seu Onofre”.

- Pai, nossa terra num foi esquecida por Deus não!... Tanto é verdade, que foi Ele quem mandou o “anjinho” ontem à noite prá avisar que vai chover, que o sinhô num precisa ir embora daqui não, nem o sinhô nem ninguém. Ele disse que água vem em abundância, o suficiente para

encher os açudes da região; o bastante para a gente se manter até as próximas águas...

Antes que Zezinho terminasse de dar o recado do “anjinho”, Onofre interrompeu-o:

- Meu filho, você sonhou com o seu irmãozinho, isso é normal. Daí a dizer que ele veio aqui avisar que vai chover, estaria eu variando também se acreditasse nessa estória!...

- E num foi só isso que ele disse não – continuou Zezinho.

- E o que mais ele disse? – perguntou Onofre com ar de deboche.

- Ele disse pro sinhô plantar milho, feijão e aipim. Disse ainda que essa foi a tarefa que ele teria de cumprir para poder entrar no céu – concluiu o menino.

- Tá bom, meu filho, amanhã mesmo começarei a plantar. – esboçou um sorriso de desdém, afagou a cabeça do menino e foi guardar a enxada.

Os dias foram passando, a reserva de mantimentos esgotando-se e a angústia apossando-se do coração de Zé Onofre... No céu, nenhuma nuvem escura que pudesse alimentar-lhe a esperança de chuva.

Vendo-se num beco sem saída, Onofre decide partir para a cidade grande em busca de uma vida melhor, mesmo contra a vontade de Josefina que, com os olhos encharcados de lágrimas, pedia-lhe que ficasse, que não os deixasse ali, sozinhos, naquele lugar amaldiçoado, “esquecido por Deus”... Zé Onofre tira da velha mala um envelope

amarelado pelo tempo; e de dentro dele, alguns trocados, sobra do que recebera pelos últimos dias na frente de trabalho, e os entrega a Josefina:

- Toma, Zefa, foi o que restou dos meus dias trabalhados – disse ele -, mas pode ficar tranqüila, acertei tudo que devia ao seu Joaquim da Bodega. Ah, na despensa tem meia saca de feijão e o mesmo tanto de farinha, tem ainda um pouco de farinha de milho, açúcar e café... recebi junto com o pagamento, a título de “cesta básica”, da frente de trabalho...

- Pensa direito, home, se aqui, que é o seu lugar, tá difícil, imagine só lá pr’aquelas terras estranhas, de pessoas mais estranhas ainda! – indagou Josefina.

- Já está decidido, minha nêga: amanhã bem cedo, eu, o seu Joca de dona Fininha, Miguelão de dona Berê e Zezito de Noca, embarcaremos no Pau-de-arara que parte para São Paulo. Se tudo der certo, mandarei buscar você e os meninos; caso contrário, retornarei para casa.

Logo bem cedo, Zezinho levanta-se e depara-se com a mãe chorando e pergunta:

- O que aconteceu, mainha, tá doente?

- Tô, meu filho, tô!.. Tô doente de tristeza, pois o seu pai foi-se embora para São Paulo, e algo tá me dizendo que ele num volta mais.

- Fica assim não, mãe, ele volta sim!... – falou Zezinho abraçando-se à mãe.

- Tomara Deus, meu filho, tomara Deus!...

- É uma pena, mainha, que o pai não tenha acreditado no aviso do “anjinho” e foi embora sem

plantar o que ele mandou – lamentou o garoto, agora órfão de pai vivo. - Eu queria tanto que ele estivesse aqui para ouvir o que o “anjinho” mandou dizer!...

- O “anjinho” veio lhe visitar de novo, meu filho? – perguntou a mãe.

- Veio – respondeu cabisbaixo -. Mas que importância tem isso?... Ninguém acredita mesmo que ele vem me visitar! – resmungou Zezinho.

- Num fique assim não, filho, eu acredito no que você disse - interferiu Josefina -. Nós dois plantaremos o que recomendou o “anjinho”, e juntos esperamos a chuva, que está bem próxima. Mas... antes me conta uma coisa: o que disse o “anjinho” desta vez?

- Ele disse para plantarmos o mais rápido possível, e quando for chegada a hora da colheita, não devemos demorar muito para fazê-la, pois muita chuva vem aí. Um verdadeiro dilúvio, como há muito não se vê!... Foi o que ele disse – completou Zezinho.

E assim fizeram: com o pouco que Onofre deixou, Josefina comprou feijão, milho e algumas mudas de aipim e plantaram. O mesmo fizeram as demais esposas abandonados pelos maridos que também resolveram arriscar a sorte em São Paulo.

Tempos depois começou a chover, era uma chuva bem fina, mas o suficiente para irrigar a plantação de dona Josefina e das demais “viúvas de maridos vivos” que ficaram no povoado. Todos os dias chovia um pouco... e mais um pouco... e outro tantinho assim... O tempo passou; a plantação

brotou; os brotos cresceram e finalmente chegou o dia da colheita. Foi o dia mais feliz na vida daquelas lavradoras desde a partida dos seus maridos para a cidade grande. E por falar neles, quem menos estava feliz era Josefina, pois desde que Onofre partiu, nunca mais ela teve notícias do marido. Nem ao menos uma carta ele mandou. “O que terá acontecido com ele?... Será que está doente?... Se ao menos ele me mandasse uma carta!...” – pensava ela.

Poucas semanas após a colheita, o céu parece que se abriu e muita água de lá desceu. Foram muitos dias e muitas noites de incessante chuva. Choveu tanto que os açudes trasbordaram; os riachos, há muitos anos sem água, também ficaram cheios; a terra, antes castigada pelo sol, hoje vê-se encharcada com o volume de água mandada por Deus. “Um verdadeiro dilúvio”, conforme dissera o “anjinho” ao seu irmão.

A notícia sobre a abundância de água na região trouxe de volta para casa muitos dos retirantes que se aventuraram na cidade grande, para a alegria das muitas “viúvas de maridos vivos” que viram seus homens partirem. Porém, uma delas estava inquieta, incomodada, infeliz: dona Josefina, pois os companheiros de viagem de Zé Onofre - Joca, Miguelão e Zezito- voltaram para casa, ele não. “E ele, por que não voltou?” – consumia-se ela absortamente.

Zezinho era agora o homem da casa, o chefe da família, papel esse assumido após o “sumiço” do pai. Cuidava de tudo sozinho, com a

astúcia e a experiência de um homem já amadurecido. Deixava para a mãe somente os afazeres domésticos.

Dona Josefina nunca mais foi a mesma desde a notícia que lhe dera Zezito de Noca. Disse ele que Onofre, desesperado em busca de trabalho, deixou-se levar pelas falsas promessas de pessoas de má reputação. Envolvido até o pescoço com essas pessoas, não dava ouvidos ao que diziam seus amigos e entregou-se ao vício da bebida e ao uso de drogas. Sem condições de sustentar os vícios, resolveu praticar pequenos furtos. A última notícia que se teve dele foi a que após uma batida policial a uma “boca de fumo” muito freqüentada por ele, algumas pessoas morreram e outras foram presas, mas o seu paradeiro não se sabe ao certo.

Naquele lugarejo, antes castigado pelo sol, não se fala mais em seca, em miséria ou em fome. Fala-se apenas no “anjinho” que, devido às suas aparições presságicas para Zezinho, foi considerado um “Santo” pela gente daquela região. Todo ano, desde a sua última aparição, no aniversário da sua morte, uma legião de romeiros costuma visitar seu túmulo, diante do qual fazem pedidos e promessas e agradecem pelas “graças alcançadas”... Dizem, inclusive, que estão tentando torná-lo padroeiro do povoado.

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE UMA CADELA

Meu nome é Duquesa!... Sou uma cadela sem linhagem, sem *pedigree*, ou seja, uma vira-lata. Hoje estou aqui perdida em meio a essa multidão tentando reencontrar meu dono, único ser humano que de fato gosta de mim. Mas será que ele gosta mesmo?... Comecei a ter esta dúvida a partir do dia que saiu de casa e não me levou com ele. De lá para cá nunca mais o vi.

Nossa amizade começou quando, ainda recém nascidos, eu e meus três irmãos fomos jogados fora pelo dono da minha mãe. Passamos o dia todo sob um sol escaldante. Meus irmãos não resistiram e morreram. Sobrevivi graças àquele bom homem, alto, de bigode, coxo, portando uma bengala que o apoiava ao andar. Ao vê-lo com aquele bastão na mão, pensei que iria matar-me, mas não... ele agachou-se e pegou-me. Conversou um pouco comigo, olhou para meus irmãos mortos e falou-me algo... Sinceramente?... não entendi nada do que ele disse, mas senti que aquele homem estava apiedado de nós, pois enquanto falava, acariciava-me.

Chegando em sua humilde casa, mostrou-me à esposa, que pareceu não gostar nem um pouco da novidade. Pelo menos não mandou o homem deixar-me onde me encontrou!... Quem gostou mesmo do que aquele moço levava para casa foram

as crianças. Não me lembro quantas, mas lembro-me que eram muitas!...

O tempo foi passando e aquele homem cuidando de mim como se eu fosse mais um filho que acabara de nascer. Nos primeiros dias em meu novo lar, ele alimentava-me com uma velha mamadeira que sua esposa havia guardado quando o último filho deixou de usá-la.

Todos o chamavam de Livá. Ele era alfaiate e quando ia para o seu ateliê, que ficava próximo à sua casa, levava-me junto. Enquanto trabalhava, dava-me alguns novelos de linha, vazios, para brincar. Como eu já disse antes, ele era um homem muito bom, carinhoso com os filhos e com a esposa... Comigo era cheio de cuidados!... Mas tinha um pequeno defeito: gostava de beber. Para mim não mudava em nada o que eu sentia por ele, porém a esposa e os filhos sofriam por conta disso; não porque ele se tornava agressivo, mas porque, sob o efeito do álcool, não media suas palavras quando se referia aos políticos da cidade, em especial ao prefeito, o que deixava dona Maria, sua esposa, inquieta, com medo do que pudessem fazer contra ele.

Quando estava de folga, costumava dormir numa rede, e eu sempre ali pertinho dele, sobre a sua velha sandália de couro, aquela que ele sempre mandava-me buscar quando chegava do trabalho. No início foi difícil entender o que ele queria!... Toda vez que apontava para as sandálias, eu corria na direção delas, pegava uma e começava a brincar,

a mordê-la... Só depois de muitos berros e ameaças compreendi que queria que eu as buscasse para ele.

Certa vez ele saiu para um dos seus pileques... Lembro-me que, quando voltou, chegou carregado por um rapazola em um carrinho de mão. A esposa perguntou ao garoto o que acontecera e ele respondeu que não sabia de nada, que apenas o encontrou caído em uma viela. Preocupada, e já imaginado o que poderia ter acontecido, ajudou o rapaz a tirá-lo da galinhota e a levá-lo até a cama. Agradeceu a gentileza do jovem e o acompanhou até a porta. Retornou ao quarto onde estava deitado o marido, tirou-lhe a roupa e ficou assustada ao perceber hematomas espalhados por todo o corpo do pobre moribundo... Fora espancado, não se sabe por quem, impiedosamente. Parece que queriam matá-lo!...

Por mais de uma semana foi um entra e sai danado de pessoas naquela casa, algumas das quais eu já conhecia; outras eram estranhas para mim, principalmente aqueles últimos homens, de aparência macabra e ternos pretos, que entraram no quarto e colocaram meu dono dentro de um baú comprido, de cor arroxeadada, e o levaram dali, deixando em prantos a esposa e os filhos daquele bom moço, que desde o dia que chegara carregado, não mais brincava comigo... Foi a última vez que o vi.

Dia após dia fiquei esperando-o retornar com a alegria de sempre, abraçando a esposa e afagando a cabeça dos filhos, um a um, enquanto

eu, sobre duas patas, pulava a espera, também, de um afago.

Ao cair da tarde, como de costume, eu corria para baixo da rede e deitava-me sobre suas velhas sandálias de couro e ficava esperando-o deitar-se para, no vai-vem cadenciado, sentir as pontas dos seus dedos roçarem na minha cabeça. Tudo em vão... nada do meu amigo!.. Naquela casa todos andavam tristes, parece que também aguardavam ansiosamente o retorno de Livá, meu dono, meu amigo.

A saudade foi apertando-me o peito, tirando-me o apetite, deixando-me fraca. Dona Maria, preocupada com o meu estado, tentava alimentar-me. Eu nada comia, nada bebia... Meio tonta devido à fraqueza, de vez em quando levantava-me das velhas alpargatas e dirigia-me até a porta da sala na esperança de vê-lo entrar. Após horas de espera, retornava aos velhos chinelos de couro. Os dias foram passando e eu definhando-me até não mais ter forças para levantar-me. A última lembrança que tenho é a daquela abatida senhora tentando introduzir o bico da velha mamadeira com leite em minha boca, tentando ainda revitalizar-me, como fazia meu dono assim que cheguei àquela casa... De repente minhas vistas escureceram-se e nada mais vi, nada mais escutei, nada mais senti... Agora encontro-me aqui, perdida em meio a essa multidão de pessoas vestidas de branco, sobre um chão macio, também branco, procurando meu dono. A multidão calmamente caminha em direção a um enorme portão azul, que tem como sentinela

um senhor de barbas e roupa brancas, de nome Pedro, portando numa das mãos uma chave dourada. A impressão que tenho é a que estamos sobre as nuvens, a caminho do céu, o que me faz lembrar do que dissera certa vez a esposa do meu amo aos seus filhos: disse ela que somente as pessoas boas, de bom coração, entrariam no céu...

Caso ela esteja certa, tenho tudo para acreditar que foi para cá que veio meu amo, meu dono, meu amigo... e se me deixarem entrar, não será difícil reencontrá-lo.

RODOVIÁRIA

Fim de tarde na rodoviária...

A multidão toma conta do local. O zum zum zum ensurdecedor nos enlouquece. Mendigos, bêbados, garotos e garotas de programa, pivetes, trabalhadores, todos ocupam o mesmo espaço; a maioria, cansada, querendo chegar em suas casas.

Uns param para um bate-papo ou para aliviarem a fome com um pastel gorduroso ou com um pão-de-queijo murcho enquanto esperam a condução; outros correm atrás dos trombadinhas, que por sua vez correm em busca de alguns trocados para comprarem o que comer ou o que cheirar.

Filas... enormes e desorganizadas filas crescem a cada instante. Início de tumulto aqui, princípio de discussão ali... Tudo porque um “apressadinho”, achando-se, talvez, melhor que os outros, tentava furar a fila, passando à frente dos que ali estavam há horas.

Finalmente a calma, graças à ação de alguns policiais que preguiçosamente passavam pelo local no momento da confusão. Por alguns instantes a paz parecia reinar naquele lugar de clima pesado... Parecia!...

Eis que de repente inicia-se um corre-corre descontrolado em direção a um dos quiosques. Era um jovem que, caído ao chão, tentava proteger a

cabeça dos furiosos chutes desferidos por um homem que trabalhava na pastelaria. A platéia, inerte, assistia àquela deprimente cena de violência contra uma pessoa portadora de deficiência mental que, tentando amenizar-lhe a fome, acabara de “roubar” um pastel... Um simples e gorduroso pastel foi a causa de tamanha brutalidade.

Não me contive e parti em defesa do faminto “ladrão”. Bruscamente puxei o agressor pelo cós da calça e me pus entre os dois. Com um dos braços empurrava para trás o homem enraivecido; com o outro tentava ajudar o jovem que, sem forças e com o semblante assustado, buscava levantar-se. Quando já estava quase de pé, o homem possuído pela fúria deu-lhe uma rasteira que o fez cair com o rosto no chão... Por instantes esqueci-me do jovem e fui tentar acalmar o senhor que, bufando pelas ventas feito um touro enfurecido, esbravejava:

- Este safado roubou um pastel!... E não foi a primeira vez, ele faz isso todos os dias, é ‘só a gente se descuidar... Só que hoje ele teve o que merece!...

Em vão, eu tentava convencer-lhe de que roubar um pastel quando se está com fome é menos grave que agredir fisicamente uma pessoa, independente da sua classe social ou do seu estado físico. Tentei, ainda, conscientizá-lo de que se alguém o denunciasse, ele poderia responder a um processo por agressão física. Olhou-me nos olhos e com o dedo em riste disse que se eu estava protegendo um ladrão é porque sou da mesma

“laia”. Disse-me também que procurasse a polícia e o denunciasse, mas que de nada adiantaria, pois se aquele “safado” aparecesse por lá novamente, levaria outra surra.

Não falei mais nada. Virei-me para o jovem, agora com o rosto machucado devido à queda, peguei-o pelo braço, levantei-o e pedi-lhe que fosse embora. Meio zozzo saiu em disparada carregando o pastel, talvez sua única refeição do dia.

Indignado com a brutalidade incontida daquele silvícola e sentindo-me ofendido com o que ele acabara de falar-me – fui chamado de ladrão -, resolvi então procurar o posto policial que ficava próximo dali e relatar o que acontecera. Indignação maior eu tive quando os policiais disseram-me para não me impressionar com o que acabei de presenciar, pois aquela era uma cena rotineira; que se eles fossem prender todos os que cometem pequenos furtos e todos os que tentam defender seu patrimônio, faltariam cadeias. Falaram-me, inclusive, que com o tempo eu me acostumaria e que cenas piores que aquelas eu ainda iria presenciar.

Sem agradecer a “atenção” dispensada pelos “justos” policiais, dei meia volta e retornei para a fila, que àquela altura já estava maior do que quando a deixei para socorrer o pobre miserável.

Já em casa, na cama, a noite parecia não ter fim... O sono não me chegava. Eu fechava os olhos e nada... Tentei, inclusive, a velha tática da contagem dos carneirinhos, mas não deu resultado.

A imagem daquele rapaz sendo surrado por conta de um mísero pastel não me saía da memória. Foi assim até o dia amanhecer.

Levantei-me ressacado pelo sono, tomei um banho frio, fiz o desjejum e segui para o trabalho... Por todo o dia a cena do rapaz sendo espancado insistia em atormentar-me.

Fim de tarde na rodoviária... e lá estava eu novamente naquele local de clima carregado, em meio àquela multidão que buscava organizar-se em filas cada vez maiores e desorganizadas. De repente inicia-se um tumulto seguido de gritos: “pega ladrão, pega ladrão!...”

Era um jovem, de fisionomia bastante familiar, com um hematoma na face, que, após ter “roubado” uma fatia de bolo, fugia da fúria de um homem que o perseguia com um pedaço de pau na mão.

Abri o jornal que carregava sob o braço esquerdo e comecei a lê-lo, como se nada estivesse acontecendo à minha volta.

TRÍADE

(à minha mãe)

Deus fez o mundo e nele deixou suas divindades, dentre as quais uma cuja função é tornar esse mundo ainda mais agradável, harmonioso, maravilhoso, amável... Uma divindade capaz de transformar-se, dividir-se, multiplicar-se por alguém que, às vezes, não a reconhece como um Anjo da Guarda, e sim como apenas mais um “querendo intrometer-se em sua vida”.

Deus fez o mundo e nele colocou as mais belas flores, dentre as quais uma cuja função é tornar esse mundo ainda mais encantador, paradisíaco, perfumado, alegre... Uma flor capaz de sucumbir-se, humilhar-se, entregar-se ao sofrimento por alguém que desconhece e, às vezes, ignora a sensibilidade das flores e a importância que elas têm em nossas vidas.

Deus fez o mundo e nele espalhou sementes, dentre as quais uma cuja função é propagar vidas... Uma semente capaz de produzir frutos da esperança, da compaixão, do amor; combustíveis indispensáveis para a harmonia e a prosperidade da raça humana.

Enfim, Deus fez o mundo com suas divindades, com suas flores, com suas sementes, e a essa TRÍADE, o homem – também obra de Deus – deu o nome de MÃE.

EM TERRA DE CEGOS...

Hoje, minha visão é monocular. Mas nem sempre foi assim. Mesmo sendo alto-míope (14 graus no olho esquerdo e 18 no direito), eu enxergava com os dois olhos.

Mas alguns anos atrás um descolamento de retina levou-me à mesa de cirurgia por três vezes. Foram sete meses consecutivos visitando oftalmologistas, usando colírios, submetendo-me a sessões de laser, porém tudo em vão... Perdi a visão do olho direito.

No início, quando os médicos disseram-me não mais ter solução para o meu problema, pareceu-me que o mundo havia caído sobre a minha cabeça. E chorei e chorei e chorei... Chorei tanto quanto um recém-nascido à espera do leite materno; entrei em depressão... Nada mais me fazia sentido. Questionava-me sempre sobre o que teria feito eu para receber tamanho castigo e nada de respostas. Comecei, inclusive, a duvidar da existência de Deus!...

Certa vez, numa dessas minhas visitas ao oftalmologista, enquanto tristemente eu aguardava a chegada do médico, uma enfermeira de pele tão alva quanto o uniforme que usava, cabelos loiros e voz suave sentou-se ao meu lado, pegou a minha mão esquerda e com uma das suas mãos segurava-a firmemente; com a outra, afagava-a ao mesmo tempo em que me confortava com doces palavras

de consolo. E assim ela permaneceu por quase dez minutos, até que o doutor chamou-me.

Ao sair do consultório, procurei por aquele “anjo” que me consolara minutos antes, mas todos a que eu perguntava pela enfermeira davam-me a mesma resposta: “Não, eu não vi ninguém com essas características!”

Veio-me, então, a certeza de que eu recebera a visita de um arcanjo. A partir daí, senti que a minha fé em Deus não tinha acabado e passei a observar tudo e todos à minha volta. Comecei a “enxergar” além do que me era permitido, não com o olho que me restara, mas com o coração.

Comecei a ver que havia pessoas em pior situação que a minha; pessoas que têm os dois olhos perfeitos, mas que se encontram prostradas numa cama, dependendo de tudo e de todos; pessoas portadoras de doenças letais, as quais estão somente aguardando a morte chegar para, finalmente, “descansarem” em paz.

Mas eu não!... Eu acabara de perder somente um dos olhos. Resta-me outro ainda!... Míope, mas suficientemente “perfeito” para as minhas necessidades essenciais: locomover-me sem o auxílio de outrem, ler, escrever, admirar a natureza e, especialmente, apreciar a beleza feminina.

Conformar-me ainda não consegui (nem sei se é possível!), mas já aceitei o que a mim foi designado por Deus, mesmo porque minha situação não é de toda ruim!... Se por um lado eu saí no prejuízo com a perda de um olho, por outro saí

lucrando: ao mandar fazer meus óculos, pago só a metade, pois em vez de duas, somente uma lente é feita. E tem ainda a minha situação social, que a qualquer momento pode ser mudada da condição de plebeu para a de Monarca, basta apenas que eu procure um país de não-videntes e me candidate à coroa.

CARTA DA POESIA A UM LEITOR AMIGO
(ao poeta e amigo Vivaldo Bernardes)

Caríssimo leitor,

Por meio destas mal-traçadas linhas, utilizo-me do mero escritor que as escreve para confessar-lhe o quão triste e magoada estou.

A tinta da caneta que ele, o escrevente, usa para escrever meus lamentos nada mais é que as lágrimas do meu pranto postas no papel, pois aquele que há muito fazia-me juras de amor e eterna paixão hoje não mais tem coração nem olhos para mim. Dizia-me ele que sem mim sua existência não fazia sentido.

Tudo mentira!...

Apenas fui mais uma de suas paixões arrebatadoras e passageiras que com o Tempo se esvaiu. Aliás, Tempo este que por ele também foi magoado, desdenhado e desprezado quando disse que dois dos seus filhos (o Presente e o Futuro) não existiam, que apenas o Passado existe.

Como pode uma pessoa aparentemente sincera fazer isso com quem sempre nela confiou?

Pois é, fiel leitor, por quase toda a minha existência acreditei nele e a ele confiei todos os meus versos carregados de sentimentos vários, os quais foram muito bem aproveitados por ele, bem como perfeitamente alternados: ora rimados, ora brancos; às vezes Alexandrinos, às vezes livres; ora

clássicos, ora pós-modernos. E o que tive em troca? O abandono, amigo leitor, o desprezo.

O apego, a paixão, a admiração que por mim ele dizia ter não passaram de um simples refúgio. Isso mesmo, um refúgio, pois era a mim que ele recorria quando dos seus momentos de solidão, de tristeza, de depressão, do ostracismo, da falta do que fazer...

Fui eu sua confidente, sua conselheira, o ombro que o serviu quando mais precisou de um. Fui, inclusive, sua amante!... E hoje aqui estou eu, desabafando-me com você, desconhecido leitor-amigo, pois sei que terá Tempo (aquele mesmo a que me referi há pouco!) de ler e entender as minhas lamentações e os motivos que me levaram a tomar seu Tempo, que acredito ser muito precioso.

Muitos são os meus admiradores, os que tentam conquistar-me, os que fazem de mim um estilo de vida, porém ninguém me tratou com tanto esmero e delicadeza. Por isso não guardo rancores, mas a mágoa corrói-me, pois nada nesse mundo foi capaz de fazê-lo abandonar suas velhas e rasgadas sandálias; ninguém conseguiu fazê-lo esquecer os seus cigarros de palha nem o perfume das Boninas; nem mesmo o velho e imparcial Tempo foi ousado o suficiente para afastá-lo da sua fiel companheira, a Bengala, que por ele foi, pejorativamente, comparada a um Pau Vermelho, nada além disso.

Porém eu, incansável leitor, na primeira oportunidade que ele teve, fui deixada de lado. Deixei de ser a sua grande Paixão e passei a ser uma simples “página-virada” do seu Livro

chamado Vida. E tudo por quê?... Por causa dela, a Crônica, recém-chegada à sua vida, que ele mesmo fez questão de dizer que é a sua mais “recente paixão”.

Por causa dela, a tal Crônica, ele não só mudou o brilho dos seus olhos, o seu estilo de vida, o seu modo de agir, o seu jeito de pensar, a sua maneira de escrever... Ele mudou, também, a sua identidade!... Hoje atende pelo nome “Anônimo da Silva”.

Ridículo!... Não o novo prenome adotado por ele, mas sim a iniciativa de trocar de nome com a aparente finalidade de “passar uma borracha” em tudo de bonito e harmonioso que houve entre nós, pois ele e eu vivíamos em “eterna” lua-de-mel. Eterna até a chegada dessa Coisa cujo nome nos lembra um “mal duradouro”!...

Minha esperança é que esse “bom relacionamento” entre os dois não seja crônico, que seja tão efêmero quanto a vida útil dos seus cigarros de palha, pois conhecendo-o como conheço, é possível que ele fique “farto” dela e parta em busca de uma outra paixão, e aí, fiel leitor-amigo, cá estarei eu, magoada, porém com os versos em aberto para que ele, exímio versista, possa retomá-los, lapidá-los e burilá-los como sempre fizera: com prazer e esmero abundantes. Mas antes me farei de difícil para que ele não fique pensando que sou sua subordinada, sua serva, sua “escrava”...

Enquanto isso não acontece, vou consolando-me com os versejos escritos por poetas

“amadores” e acalentando-me com a leitura dos persistentes e fiéis leitores, dentre os quais incluo você.

Espero, em breve, poder encontrarmo-nos, ele, eu e você, ilustre leitor.

Sou-lhe mui grata pela sua atenção, paciência e persistência em ler-me.

Respeitosamente,

A Poesia.